



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

A vida em detalhes: o desafio biográfico de Paulo Cesar de Araújo

Gabriela Sousa Correa

Brasília

2014



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

A vida em detalhes: o desafio biográfico de Paulo Cesar de Araújo

Gabriela Sousa Correa

Monografia apresentada no curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Sérgio de Sá

Brasília

2014



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

____/____/____
BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Sergio de Sá (Orientador)

Professor Dr. Paulo Paniago

Convidado Me. Sérgio Maggio

Professora Dra. Dione Oliveira Moura (Suplente)

Brasília

2014

À minha família.
E a todas as vidas e histórias.

Agradecimentos

À minha família, agradeço por tudo. Aos meus pais tão sonhadores, loucos e obstinados. Sempre presentes, me guiaram nas mais difíceis provações deste meu começo de vida – inclusive a tarefa que mais me pareceu impossível de concluir: terminar o curso de Jornalismo. Minha irmã Ranna Mirthes que é extensão de mim, é minha razão, a parte minha que pensa e reflete sobre tudo. Obrigada.

Aos amigos que fiz na FAC, vocês tornaram tudo mais fácil. Laís Mendes, Luisa Bravo, Ellen Rocha, Iasminny Thábata foram as amigas mais gentis e leais mesmo nos meus sumiços. Patrick Cassimiro, Nádia Mendes, Luisa Bravo, Leda Barbosa, Eduarda Liu, Ludmila Toledo e Juliana Espanhol, obrigada por serem maravilhosos e por todos os encontros no Mendes. À Carolina Pereira, a Rainha do Paredão que discute Foucault e Aviões do Forró com igual propriedade, obrigada, amiga.

Agradeço à Faculdade de Comunicação e seus professores, especialmente, especial a Sérgio de Sá, este paciente orientador. E, é claro, agradeço a Paulo Cesar de Araújo pela atenção, pelo livro e pela contribuição ao meu trabalho. Sem dúvida, sou um dos milhões de amigos que abraçam a causa das biografias.

Sou grata às coisas que eu não consegui. Por elas fui obrigada a continuar e chegar a este trabalho.

Desconfie de todos que possuem o desejo imperativo de policiar e punir.

Goethe

Sob a história, memória e esquecimento. Sob a memória e esquecimento, a vida. Mas escrever a vida é uma outra história.

Inacabável.

Paul Ricoeur

Resumo

Resumo: Este ensaio pretende analisar os desafios biográficos de Paulo Cesar de Araújo como biógrafo do cantor Roberto Carlos, desde o processo de pesquisa até a proibição do livro *Roberto Carlos em detalhes*, em 2007. Além disso, busco a comprovação da ideia de que o desafio biográfico do autor não terminou com a publicação do livro biográfico, mas se prolonga para além das páginas do livro. Isso se confirma com o lançamento do livro *O réu e o rei*, uma espécie de biografia da polêmica em que Araújo se envolveu ao escrever sobre o cantor.

Palavras chave: Biografias; Música brasileira; História; Roberto Carlos; Paulo Cesar Araújo; História;

Abstract: This paper aims to analyze Paulo Cesar de Araújo's biographical challenges as the biographer of the singer Roberto Carlos, from the research process to the ban of the book *Roberto Carlos em detalhe*, in 2007. Furthermore, I intend to prove the idea that the biographical challenge does not end with the book publication, but it extends beyond its pages. This is confirmed by the launching of the author's most recent book *O réu e o rei*, a sort of a biography of the controversial case involving Araújo and the singer.

Keywords: Biographies; Brazilian music; History; Roberto Carlos; Paulo Cesar de Araújo;

Sumário

Apresentação	17
1. O desafio de Paulo Cesar de Araújo	19
1.1 Biografias permanentes	21
1.2 O biógrafo e seu objeto.....	24
1.3 As entrevistas.....	29
1.3.1 Amável interrogador	31
1.3.2 João Gilberto: o amigo, irmão, camarada.....	33
2. Roberto Carlos <i>has a cold</i>	36
2.1 Versão brasileira	42
3. O rei e o réu	48
3.1 Roberto, o Censor.....	49
3.2 O diabo está nos detalhes.....	52
3.3 Biografia da polêmica.....	55
4. Biógrafo e biografado	59
Perspectivas e considerações finais	67
Referências bibliográficas	69

Apresentação

E se eu pudesse entrar na sua vida...

Chico Buarque (1983)

A canção “Beatriz” foi composta por Chico Buarque e Edu Lobo para integrar o repertório do musical *O grande circo místico* que estreou em 1983 no Brasil. A música é uma valsa de poesia metafórica e surrealista da vida de uma atriz: “Olha/ será que é uma estrela/ será que é mentira/ será que é comédia/ será que é divina/ a vida da atriz...” Por conta de sua extensão vocal, intervalos melódicos e modulações, “Beatriz” ganhou gravação na voz de Milton Nascimento.

A música, assim como todo o repertório de *O grande circo místico* é um presente à música brasileira, mas não me prolongo nesse assunto. No máximo, registro um profundo interesse nas contribuições de Chico Buarque para o teatro musical feito no Brasil, mas o aprofundamento confio ao futuro. A questão é que, apesar da breve introdução, este trabalho não tratará de Chico, Edu ou de ‘Beatriz’. Pelo contrário, a intenção é desbravar a biografia do maior ídolo popular da música brasileira desde os anos 1970 o cantor Roberto Carlos. Ou melhor, descobrir o que há de proibido, ilegal e perturbador na biografia *Roberto Carlos em detalhes* (2006), de Paulo César de Araújo.

Ironicamente e graças à aleatoriedade de uma *playlist*, um trecho de “Beatriz” ajuda esta autora a imergir na história do ídolo da Jovem Guarda, grupo antagonizado pelos representantes do movimento musical nacionalista hoje conhecido como MPB – Chico Buarque e Edu Lobo incluídos nesse grupo. Por essa razão, é no mínimo curioso parafrasear Chico para tratar de Roberto Carlos, que já foi considerado o inimigo número 1 da música popular brasileira.

Mas esse recurso não é gratuito. Abstrações à parte, a imagem pode contribuir no entendimento da relação construída entre biógrafo e biografado. Como leitora de biografias, me relacionei com o tema de forma intensa e acredito que o conteúdo desse trabalho confirma isso. Ao contrário do que Roberto Carlos pensa, o livro é uma respeitosa homenagem à sua vida e, principalmente, à sua obra. Nas mais de 500 páginas da biografia banida (que li clandestinamente), é difícil identificar o que irritou o rei – o que abre espaço a muitas suposições. Até nos capítulos que trataram de temas mais delicados na vida do cantor, percebi

que a narrativa não foi invasiva. O caso entre o réu e o rei me pôs a pensar sobre o trabalho de Araújo para biografar um personagem tão cheio de tabus: a perna mecânica, as manias, as mulheres, a viuvez. Estes são talvez os principais terrenos pedregosos de que Paulo Cesar de Araújo deveria ter se mantido distante. Mas no relato biográfico não há distância segura ou limite visível (ou imaginário) que possa impedir o biógrafo de abrir esta ou aquela porta. O biógrafo quer entrar na vida de seu biografado. Quer ver e ouvir a vida de seu “protagonista”. Em seu desafio de elaborar contextos, relacionar fatos, interpretar vazios e incoerências, o biógrafo quer fazer perguntas, respondê-las, busca decifrar a trama da vida e suas intersecções. Dessa forma, o exercício da biografia propõe desafios intermitentes que só se tornam mais complexos com o tempo.

No caso de Roberto Carlos, porém, tanto os fãs de biografias quanto os biógrafos foram barrados e impedidos de *entrar na vida* do rei Roberto Carlos Braga. Depois de ser consagrado como um dos maiores nomes da música brasileira, o rei também conquistou para si o posto de “paladino” da privacidade e defensor da intimidade de figuras públicas (conforme divulga a imprensa), numa espécie de tentativa de livrar-se do estigma de opressor no caso de censura prévia mais comentado desde a abertura política no Brasil. Não se pode contar a história da música brasileira da segunda metade do século XX sem falar de sua maior celebridade. Como Araújo confirma em seu trabalho, Roberto Carlos é o tipo de personagem histórico que sintetiza mistérios, perguntas e respostas para uma série de questionamentos. Em seu redor orbitam estilos, histórias, polêmicas, contextos de uma teia histórica complexa, cuja narrativa está longe do fim.

1. O desafio de Paulo Cesar de Araújo

*São tantas já vividas/ São momentos/ Que eu não me esqueci/ Detalhes de uma vida/
Histórias que eu contei aqui*

Emoções
Roberto Carlos e Erasmo Carlos (1981)

O desafio biográfico presente no título deste trabalho é uma referência ao livro *O desafio biográfico: escrever uma vida* (2009), do historiador e epistemólogo François Dosse. A obra é uma das principais referências de pesquisa do gênero biográfico, na qual o autor analisa historicamente a produção biográfica, as publicações e contextos de produção, e de que forma a escrita biográfica se tornou campo de trabalho não só para historiadores, como para jornalistas e romancistas. Ao refletir a respeito da evolução do gênero sob diferentes modalidades de abordagem biográfica, Dosse põe em foco o difícil trabalho do biógrafo, cuja obra “jamais se concluirá” (DOSSE, 2009, p. 14). Esse ponto de vista explanado por Dosse guia as ideias propostas neste trabalho que pretende mostrar que o desafio biográfico não se conclui com a publicação do livro final.

Paulo César Araújo é historiador pela Universidade Federal Fluminense, jornalista formado na PUC-RJ e mestre em Memória Social pela UNI-RIO. A produção o autor sobre Roberto Carlos é foco deste trabalho que investiga como o desafio como biógrafo se prolongou para além dos mais de 15 anos de pesquisa e se renova a cada dia em que o livro permanece proibido. Desde a publicação do livro e a consequente proibição, Araújo permanece envolto em um tema biográfico, ávido pela continuidade do debate que está circunscrito em esferas socioculturais, políticas, judiciais e acadêmicas.

A inclusão da pauta imposta pela polêmica Paulo Cesar de Araújo *versus* Roberto Carlos nos espaços públicos evidencia a necessidade latente de regulamentação mais assertiva e atualizada sobre liberdade de expressão e direito à informação e maiores liberdades públicas. Com o infame episódio que resultou no recolhimento e apreensão de livros, a causa de Araújo (e dos biógrafos) é levantada a urgência da polêmica em torno de publicações proibidas (sejam biográficas ou não) como reação sintomática de graves problemas de liberdade de expressão que existem no Brasil. Paulo Cesar de Araújo, portanto, ultrapassou o trabalho de narrar a vida de Roberto Carlos e passou a protagonizar o desafio da classe de

biógrafos, escritores e editores brasileiros em busca do resgate de um gênero sob ameaça. Nos anos seguintes à proibição da biografia, Araújo já preparava um livro que contaria a história de sua intensa relação com a obra de Roberto Carlos, da construção da obra banida e os bastidores da controversa batalha judicial em que se envolveu com seu ídolo.

Ao lado do livro de Dosse na bibliografia principal aqui utilizada, estão os livros de Paulo Cesar de Araújo: *Roberto Carlos em detalhes* (2006) e *O réu e o rei* (2014). Esse último foi lançado no dia 21 maio de 2014 e mostrou-se urgente a este trabalho uma vez que traz um relato autobiográfico do autor, além de reconstituir detalhadamente diferentes aspectos do embargo da biografia. A obra é um ensaio minucioso dos últimos 22 anos da vida de Araújo e de sua controversa relação com o ídolo, biografado e inimigo Roberto Carlos.

Os estudos em biografia – seja na história ou no jornalismo – são raros, considerados secundários. O jornalista e pesquisador Sergio Vilas Boas profetiza: “Uma história da biografia também está para ser contada” (VILAS BOAS, 2008, p. 11) e tendo essa afirmação como guia pode-se dizer que ao menos a história da biografia no Brasil, já está em fase de construção. A reverberação das controvérsias geradas pelo episódio entre o Rei e o réu possibilita novas perspectivas às biografias como objeto de estudo e, claro, novas formas de reflexão do gênero tal como ele se apresenta no Brasil atualmente. Para auxiliar na abordagem dessas questões e demais pontos conceituais do gênero, conto com obras do autor como principais referências nesse trabalho: *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida* (2011) e *Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens* (2002).

Cada vez mais jornalistas se debruçam sobre o gênero que, anteriormente, era setorizado à figura dos biógrafos acadêmicos. Esse fenômeno que vem sendo observado no Brasil, principalmente nas últimas décadas do século XX, faz com que as biografias se consolidem como gênero literário que avança em popularidade e êxito. Com isso, identifico uma demanda acadêmica em tratar do tema não com a totalidade que o assunto merece, mas com um escopo que se define sobre uma das vertentes de reflexão da questão: o lugar do biógrafo no processo.

Para visualizar esses aspectos, é interessante traçar um paralelo com a relação estabelecida entre repórter e fonte no processo jornalístico. Para isso, conto com as contribuições de Janet Malcolm em seu livro *O jornalista e o assassino*¹ (2011) sobre o caso

¹ MALCOLM, Janet. *O jornalista e o assassino: uma questão de ética*; Tradução Tomás Rosa Bueno. – São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011. O livro da jornalista americana Janet Malcolm conta a

MacDonald *versus* McGinniss. As questões impostas na obra de Malcolm se relacionam com a polêmica da biografia proibida de Araújo porque se tangenciam na discussão de pautas como liberdade de imprensa e ética do jornalismo.

A demanda acadêmica que ressaltado neste trabalho concerne ao esforço do biógrafo enquanto jornalista, romancista, historiador, e todas as demais funções as quais um biógrafo propõe suprir no fazer biográfico. O imbróglio em que Paulo Cesar de Araújo se envolveu acende uma luz vermelha sobre quais são os desafios de um autor que se entrega à ilusão biográfica². Apesar de tudo, Paulo Cesar de Araújo não parece ter perdido o apetite por sua pesquisa ou por seu biografado.

O acervo do autor continua sendo abastecido por tudo que ele julga ser importante para a biografia de Roberto Carlos e sua pesquisa sobre música popular no Brasil, tanto que o mais novo lançamento do escritor sobre o tema acabou de ser lançado (ver capítulo O réu e o rei). Nesse ponto de vista, busco identificar e refletir os desafios biográficos enfrentados por Araújo durante os 15 anos de pesquisa e construção do texto, como também o desafio de enfrentar o seu objeto de pesquisa nos tribunais. Assim, fica evidente o desafio permanente de Araújo (o biógrafo) pelo seu objeto de estudo (o biografado) demonstrando que suas histórias se uniram em algum momento e permanecerão atreladas uma à outra. A biografia de Paulo Cesar Araújo não se contará sem os episódios ocorridos recentemente em sua vida. Muito menos a de Roberto Carlos.

1.1 Biografias permanentes

história do médico Jeffrey MacDonald, que, após a condenação pelo assassinato da esposa e das duas filhas, iniciou uma batalha judicial contra o jornalista que escrevera um livro sobre o caso. O jornalista Joe McGinniss enfrentou MacDonald nos tribunais por ter publicado um livro com depoimentos em entrevistas feitas durante o julgamento e na prisão. Colocando em pauta temas como a ética do jornalismo e liberdade de imprensa, o livro de Malcolm tornou-se um clássico sobre a relação entre jornalismo e poder.

² Alusão ao famoso texto de Pierre Bourdieu *A ilusão biográfica*, sobre a impossibilidade de biografar. O escritor francês coloca em debate as noções de biografia que, segundo ele, são oriundas do senso comum uma vez que não se pode narrar uma vida através de uma narrativa cronológica e linear. Assim, o trabalho biográfico seria, para o autor, a tentativa de entender e narrar a vida de uma pessoa de forma coerente num dado período. Ele contesta a representação do “conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história”. (BOURDIEU, 2005, p.183).

O escritor baiano vive o contrário do tédio e esgotamento vividos por Claude Arnaud, ensaísta e biógrafo francês. Após o trabalho terminado, do livro impresso e entregue ao público, o autor sente apenas tédio. O escritor francês sugere que o esgotamento durante a produção de uma biografia é tamanho que ao fim da pesquisa, precisa “desligar-se dele brutalmente para se reencontrar” (DOSSE, 2009, p. 16).

Ao escrever uma biografia sobre Roberto Carlos, Araújo assumiu a responsabilidade de traçar um personagem histórico famoso, despido da figura de herói da canção popular ou de lenda da música brasileira contemporânea. Segundo o historiador Marc Ferro, “a biografia é um estudo da vida privada dos indivíduos com o potencial de dessacralizar as figuras públicas frente à complexidade das relações formadas na vida pública e privada”³. Essa contribuição soma-se ao debate da biografia proibida de Roberto Carlos à medida que reflete a narrativa biográfica como uma história útil e complementar à História documental: quando o biógrafo resolve trabalhar com um personagem tão marcante e presente no imaginário popular, ele aceita o desafio de torná-lo humano.

A pesquisa de Araújo tem muito mais a função de narrar um período de criação musical no Brasil através de Roberto Carlos do que necessariamente alimentar paixões coletivas em um relato quase hagiográfico sobre o músico. A ideia, segundo o autor, era narrar todo um panorama da música nacional por meio da vida e a obra de Roberto Carlos, segundo sua interpretação como biógrafo.

Uma narrativa sem ruídos, sem máculas ou polêmicas seria o ideal para o homem que há anos mostra-se publicamente como a figura espiritualizada de aura azul e branca. Por que ele não poderia ser biografado da maneira que ele vê a si mesmo? Um homem calmo, temente a Deus ou romântico incurável? Decerto Roberto Carlos tem uma opinião muito específica sobre si mesmo e sua obra musical e que, segundo ele, só o dono da história pode contar. A própria classificação de uma obra como “autorizada” já carrega relação de permissividade do biógrafo em função do biografado ou subordinação do pesquisador ao seu tema. Nesse ponto, é interessante ver as biografias como biografias *independentes* que, conforme conceitua Vilas Boas, são “mais acuradas por não haver intervenção direta dos guardiões do personagem” (VILAS BOAS, 2002, p. 49). Essa terminologia que dialoga mais satisfatoriamente com os

³ A historiadora brasileira Mary Del Priore utiliza as reflexões de Marc Ferro no que concerne às contribuições da biografia no estudo da vida privada dos indivíduos. (PRIORE, 2009, p. 10).

argumentos deste trabalho e representa o questionamento à ideia de que uma obra biográfica depende necessariamente do consentimento do biografado.

Sobre essa tensão, Steve Weinberg teoriza que a permissão para acessar (e publicar) é uma sabotagem à boa biografia uma vez que as partes interessadas podem condicionar a publicação do livro à supressão de trechos ou capítulos inteiros. Assim, a adoção de uma nova nomenclatura tem legítima importância porque retira o biografado da condição de ‘dono da história’ e provedor de autorização à medida que o biógrafo tem maior liberdade de escrever uma versão da vida de alguém.

A discussão da ética situacional no meio jornalístico levantada em *O jornalista e o assassino* (2009) evidencia as tensões presentes na relação entre fonte e repórter – e, na mesma proporção, biógrafo e biografado. Imediatamente, são impostas questões sobre ética, confiança e responsabilidade que pesam, principalmente, sobre o biógrafo. A autora questiona o argumento de que existem duas pessoas que agem na produção de um livro – o indivíduo que entrevista e o que escreve.

O jornalista e, nessa análise particular, o biógrafo têm a difícil tarefa de editar, resumir, suprimir, relacionar fatos e falas das fontes que ouviu para que, enfim, possa criar a narrativa biográfica em seus aspectos totais. É ele quem tem responsabilidade sobre como fará uso das aspas – e também as aspas que não conseguiu – para construir o seu texto (adiante, o caso de Araújo e Roberto Carlos será relacionado ao famoso episódio em que o jornalista Gay Talese escreve um perfil sobre Frank Sinatra sem falar com o cantor americano). É ele quem pesquisa, entrevista, escreve e edita o material de seu livro, evidenciando que o processo biográfico é correspondente ao fazer jornalístico. Sob esse ponto de vista, a interpretação da fala do entrevistado é de inteira responsabilidade e autonomia do entrevistador.

Com isso, trabalho com a classificação de biografia como um livro que pertence ao biógrafo, com sua percepção, texto e interpretações sobre determinado tema. Assim, entendo que o livro *Roberto Carlos em detalhes* é um relato de Roberto Carlos segundo Paulo César de Araújo. “Ponto pacífico que biografia é biografado segundo o biógrafo. Em outras palavras, é um trabalho autoral (VILAS BOAS, 2002, p. 11).

O livro *Roberto Carlos em detalhes* é um livro que pertence a Paulo César de Araújo, autor e pesquisador do tema Roberto Carlos. Essa é uma realidade na produção acadêmica mas no caso das biografias, surgem atritos pelo fato de o tema tratar da vida de uma outra

pessoa, “dona da vida” e logo do tema biográfico. Quem é dono de quê? O dono da vida é o dono da história? E por fim, a quem pertence o conteúdo de uma biografia: ao biógrafo, ao biografado ou à História?

1.2 O biógrafo e seu objeto

Paulo Cesar de Araújo teve como proposta de pesquisa a abordagem da construção do mito Roberto Carlos e sua intervenção na cultura popular brasileira. Araújo pertence ao grupo de jornalistas-biógrafos responsáveis por grande parte da produção do gênero no Brasil. Jornalistas como Fernando Morais, Ruy Castro, Jorge Caldeira e Alberto Dines são alguns dos nomes que fortalecem o time de biógrafos que surgiram no meio jornalístico. Na ordem, publicaram elogiosos trabalhos biográficos sobre Assis Chateaubriand, Mané Garrincha e Nelson Rodrigues, o Barão de Mauá e Stephen Zweig. Esses nomes somados a novos biógrafos como Guilherme Fiuza e o próprio Paulo Cesar Araújo são responsáveis pelo crescente interesse dos leitores brasileiros no gênero biográfico.

Sobre a participação de jornalistas na produção biográfica, Steve Weinberg assinala que o gênero biográfico demanda uma determinação assertiva em pesquisar a fundo os fatos, discernir valores, interpretação seletiva e demais características inerentes à prática jornalística.

Jornalistas importantes que se tornam biógrafos trazem para sua nova ocupação características já prontas que, para os acadêmicos especializados, surgem com menos naturalidade: eles já sabem obter informação difícil, considerada sigilosa, sobre uma variedade de assuntos (...); escrever de forma clara para leitores de todos os níveis e não só para os acadêmicos (...). (WEINBERG; *apud* VILAS BOAS, 2002, p.3).

Dentre as contribuições do jornalismo às biografias, pode-se observar que o processo biográfico é “composto por um conjunto de recursos extraídos deliberada ou intuitivamente, do Jornalismo, da Literatura e da História” (*Idem*, p.27). O método de Araújo dialoga com essa análise proposta por Vilas Boas, que faz uso desses parâmetros para analisar a obra de Fernando Morais, Ruy Castro e Jorge Caldeira. Paulo Cesar de Araújo tem formação em comunicação e história e, sem dúvida, essa trajetória acadêmica tem reflexos na forma como elabora seu trabalho – desde a fase de pesquisa até o texto final. Para refletir melhor as influências do jornalismo no campo biográfico, é relevante apresentar as noções de Vilas Boas sobre as aproximações do livro-reportagem e o jornalismo da biografia.

De acordo com as definições do autor, o livro-reportagem atinge dimensões narrativas muito mais amplas que o jornalismo periódico, o que permite que ao autor amplie e aprofunde fatos, dados, contextos, interpretações e críticas. Em situação correspondente, Vilas Boas coloca a biografia um canal de expressão literária que, assim como o livro-reportagem, permite ao autor quatro possibilidades de captação e narração – pesquisar, aprofundar, interpretar e criar (*Ibidem*, p.78). Ao aproximar essas possibilidades de *Roberto Carlos em detalhes*, observa-se que Araújo trabalha com três dessas perspectivas para construir a narrativa biográfica: pesquisa, aprofundamento e interpretação.

No que se refere à pesquisa e aprofundamento, o escritor baiano fez uso de metodologias que se baseassem na memória social e história oral – isso se confirma com as 175 entrevistas que realizou durante a investigação sobre a vida de Roberto Carlos, como será explicado em **1.3) As entrevistas** (pp. 30 a 34). O autor, portanto, tem como principal recurso o uso da história oral como o método capaz de reconstituir tais histórias de vida. A abordagem desses aspectos é predominante na biografia em detrimento à criação, por exemplo. Araújo também faz uso de interpretação dos fatos que expõe ao colocar impressões pessoais sobre causas e efeitos de determinados episódios que narra.

As impressões do autor são, na verdade, tentativas de inserir alguns aspectos menores em um panorama mais amplo da história de Roberto Carlos e do Brasil. Araújo construiu uma narrativa que valorizasse os relatos obtidos na sua pesquisa oral e documental tanto que, os eventos narrados são totalmente interligados por depoimentos, por algo que alguém disse e a partir desses testemunhos, o autor partiria para o fato em si. Araújo optou por não seguir pelo caminho trilhado pelos defensores da *creative nonfiction*⁴, e elaborou a narrativa a partir da linearidade dos depoimentos em relação à cronologia dos eventos da vida do rei.

Além dessas abordagens apontadas cabe perceber a influência pessoal do ídolo na vida do biógrafo como fator predominante na decisão do objeto biográfico. O interesse pela música sempre esteve presente na vida de Araújo, desde a sua infância cheia de limitações em Vitória

⁴ De acordo com as definições do *Creative Nonfiction Collective (CNFC)*, a criação não ficcional implica a utilização de técnicas de escrita ficcionais como nomes, personagens, lugares, datas, objetos, citações entre outros elementos narrativos. Alternativamente definida como ‘jornalismo literário’ ou ‘literatura dos fatos’, a criação não-ficcional caracteriza o segmento da escrita que emprega técnicas literárias e artísticas normalmente associadas com a ficção ou poesia para reportar pessoas ou eventos reais. (Fonte: < <http://www.creativenonfictioncollective.com/defining-cnf/> >

da Conquista. Araújo descreve que sua infância foi marcada pela música de grandes intérpretes antigos, como Ary Barroso, Dalva de Oliveira, Herivelto Martins e, é claro, Roberto Carlos.

Nessa época, Roberto tinha acabado de lançar o seu maior sucesso, aquele que o colocaria no topo das paradas de sucesso e de onde demoraria décadas para sair. A música “Quero que vá tudo pro inferno” marcou a carreira de Roberto Carlos e redefiniu os rumos da música que seria feita no Brasil desde então. A canção está para Roberto Carlos como *Hey jude* para os Beatles, ou *Chega de Saudade* para João Gilberto – e, mesmo sem entender as palavras que o cantor rebelde enunciava, o menino conquistense se tornou fã de Roberto Carlos.

Esse gosto pela música fez com que Araújo fosse buscar mais referências musicais além dos vinis; agora ele iria aos livros (que não eram muitos) para fundamentar a sua monografia, uma versão embrionária do trabalho que, anos mais tarde, seria a biografia *Roberto Carlos em detalhes*. O trabalho seria, é claro, sobre música brasileira e traria os contextos do fenômeno midiático e cultural Roberto Carlos. O autor relata que:

O objetivo era ouvir artistas representativos de cada vertente de nossa música para conhecer suas histórias de vida, fazer-lhes perguntas que ainda não tinham sido feitas, esclarecer episódios que estavam na sombra ou simplesmente ouvir a versão de quem ainda não tivera a oportunidade de falar nessa luta desigual pela memória. (ARAÚJO, 2014, p. 107).

Essa luta desigual a que Araújo se refere é sobre a representação histórica de cantores românticos considerados bregas⁵ pelas elites culturais brasileiras a partir da década de 1960. O autor sentiu a ausência de uma historiografia musical que destacasse a trajetória de artistas como Waldick Soriano, Lindomar Castilho, Paulo Sérgio e Odair José, por exemplo. “Até que ponto esse descaso com a história da música brega refletia o autoritarismo de áreas insuspeitas da nossa sociedade? E, afinal, que memória histórica da música popular tem sido construída em nosso país?” (Idem, p. 182).

⁵ De acordo com o Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, o termo é utilizado de forma pejorativa, para designar a chamada música romântica popular. A definição “música brega” ganhou força a partir de meados dos anos 1960, quando a música jovem, por um lado, de matriz americana, e por outro, oriunda da classe média estudantil, alcançou cada vez maiores espaços, fazendo com que a música romântica vinda das camadas populares fosse considerada cafona e deselegante. <http://www.dicionariompb.com.br/musica-brega/dados-artisticos>

Depois de concluir os cursos de comunicação e história, Araújo iniciou seu mestrado em memória social e documento na Universidade Federal do Rio de Janeiro com o projeto intitulado de *Eu não sou cachorro, não* – em alusão ao sucesso do cantor baiano Waldick Soriano. O estudo sobre o rei teria de esperar a urgência que Araújo via na abordagem acadêmica da música brega e seus representantes.

A dissertação foi defendida em 2009 mas o autor continuou trabalhando na pesquisa que resultou no livro *Eu não sou cachorro, não*, publicado em 2002 pela Editora Record. A obra traz uma parte da história da música popular brasileira na era do rádio, do vinil, veiculada nos programas de rádio e programas de auditório. A ideia de que a música feita para “as massas” era alienante e produzida por apoiadores da ditadura militar penetrou o meio acadêmico e o meio artístico, de modo que o estilo musical fosse pormenorizado e tratado, em um plano coletivo com a pejorativa nomenclatura *brega*. Ele professa que os cantores bregas eram acusados de defender uma espécie de cultura oficial do regime militar e que, na verdade, eram tão perseguidos quanto os artistas de repertório contestador e político.

Ao colocar a produção musical brega de artistas no mesmo rol dos artistas intelectualizados da bossa nova e do tropicalismo, Araújo cria uma narrativa sobre os temas abordados nas músicas de artistas tidos como bregas. Certamente Odair José, por exemplo, não incitou a luta contra o imperialismo ianque com suas letras; mas ainda é possível observar letras que denunciavam o autoritarismo e a segregação social.

Apesar de uma aparente falta de articulação política em suas composições, Odair José foi campeão de vetos de aparelhos censores federais por conta de suas composições que (supostamente) feriam os valores morais da família brasileira. Sim, Odair José era tão censurado quando Geraldo Vandré. “Mergulhar nos discos e canções bregas me fez viajar à minha infância e refletir sobre o Brasil. Identifiquei nesse repertório, por exemplo, uma dura crítica a um traço peculiar da nossa arquitetura residencial: os diminutos quartos de empregadas” (*Ibidem*, p. 183).

O autor percebeu então que havia uma denúncia à prática social autoritária no repertório dos “cantores de empregada”. Para comprovar a hipótese de que esses artistas também foram alvo da censura, Araújo pesquisou em documentos recém-liberados do Serviço de Censura de Diversões Públicas e no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Rapidamente, os capítulos de uma história ainda não contada da música popular brasileira se esboçavam na pesquisa de Araújo: “Aquele ideia de que apenas artistas como Chico Buarque ou

Gonzaguinha sofreram com a censura foi caindo por terra à medida que a pesquisa avançava. Ali eu constatava que a repressão começou bem mais embaixo na nossa música popular” (*Ibidem*, p. 183).

Odaír José, Waldick Soriano, Nelson Ned, Fernando Mendes, Agnaldo Timóteo, Paulo Sérgio entre muitos outros, foram alguns dos artistas representantes de uma época em que o rádio era o grande responsável por propagar notícias, cultura e entretenimento a todo o país. Canções como “Eu não sou cachorro, não” (1968), “Pare de tomar a pílula” (1973) e “Cadeira de rodas ” (1970) constituem o repertório de um Brasil interiorano, alheio ao discurso esquerdista presente nas universidades dos grandes centros. Enquanto estudantes paulistas se emocionavam com a mítica “Pra não dizer que não falei das flores”, as mocinhas de Brasil adentro cantarolavam sucessos de Paulo Sérgio. A obra é um respiro de alívio à cultura única propagada hoje, de que os cantores românticos e populares eram desprovidos de reflexão crítica da realidade e, por isso, representavam uma espécie de “arte menor”.

Essa análise tem um saldo positivo porque permite que uma geração de artistas tenha seus trabalhos valorizados, mesmo tendo passado pelo ostracismo. Toda essa reflexão auxilia no entendimento do objeto de pesquisa de Paulo Cesar de Araújo. É inegável que o interesse pela abordagem acadêmica da música “cafona”, marginal e, principalmente, romântica só confirma sua motivação intelectual de biografar a música feita no Brasil nos últimos 50 anos.

Enquanto escrevia sobre música brega e as transformações políticas dos “anos de chumbo”, Paulo César Araújo já havia iniciado seu desafio biográfico havia tempos, como supõe o título da obra de Dosse sobre a saga do biógrafo que persegue a ilusão de biografar. Assim, Roberto Carlos representa o objeto de pesquisa que surgiu de motivações intelectuais que, ao mesmo tempo, impeliam Araújo a escrever sobre o seu ídolo como, também, a romper com o preconceito acadêmico e das elites culturais quanto a artistas de dimensão popular como o próprio Roberto Carlos.

As experiências musicais na infância em Vitória da Conquista e a trajetória acadêmica culminaram no seu tema biográfico. O historiador identificou lacunas na historiografia da música popular brasileira, que precisavam ser preenchidas com uma justa abordagem sobre a contribuição de Roberto Carlos nesse processo. Nesse sentido, o compromisso de Araújo com seu livro era explicar o fenômeno Roberto Carlos de maneira global, além de aspectos musicais, mas também explicar como o cantor interveio diretamente na cultura e no comportamento de uma época. Com isso, a biografia representa uma contestação às elites

intelectuais que, desde o início da carreira do cantor, negligenciavam a sua importância na formação da música popular brasileira, e à instituição da MPB.

O livro foi bem recebido por público e crítica, sendo louvado pelo ineditismo e fôlego histórico. Sem saber, o menino fã de músicas que nem compreendia direito estava em vias de conhecer o seu mais novo desafio como escritor: o de contar histórias através de vidas. Afinal, quantas biografias estavam imersas naquela pesquisa toda? Dezenas de vidas artísticas – inclusive a de seu futuro (e eterno) biografado – figuraram na narração daquela história imaterial e abstrata feita de melodias. O narrador, o menino que pechinchava ingressos nos shows em sua cidade natal, finalmente encontrara seus ídolos de outrora para uma conversa.

A primeira contribuição do futuro biógrafo de Roberto Carlos ao mercado editorial brasileiro havia sido muito positiva e superou as expectativas do escritor baiano. “Eu pensava que a repercussão e aceitação do meu primeiro livro facilitariam a publicação do segundo. Mas as coisas não foram tão simples assim” (*Ibidem*, p. 186). O projeto de escrever sobre Roberto Carlos nunca foi segredo a ninguém, e depois do sucesso de *Eu não sou cachorro, não* se animou mais ainda para narrar a vida do rei. Assim, como enxergava lacunas na historiografia da música brasileira, o autor não entendia por que ninguém nunca havia se empenhado em escrever sobre o ídolo brasileiro.

Em entrevista no programa Marília Gabriela, em 2002, Araújo compara: “Você imagina, Gabi, não haver um livro sobre Carlos Gardel na Argentina? Ou sobre Frank Sinatra nos Estados Unidos?” Realmente, nunca havia existido um relato tão completo de Roberto Carlos na história do Brasil. Mais tarde, Araújo descobriria a razão de Roberto Carlos ser considerado personagem raro nas prateleiras das livrarias.

1.3 As entrevistas

“Coloquei uma ficha e disquei os números 294-7479”

Paulo Cesar de Araújo (2014)

Em um saudoso orelhão de Niterói, Araújo daria início a sua saga de entrevistas para a pesquisa pela música brasileira. Conseguiu o número graças ao amigo de um amigo do irmão de um jornalista que trabalhava no jornal *O Globo*, discou e torceu pelo melhor. O melhor aconteceu e, para sorte de Araújo, Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim estava em

casa. Tom Jobim poderia estar almoçando em alguma mesa da churrascaria Plataforma no Leblon, ou bebendo nos bares do bairro carioca, mas dessa vez ele estava em casa.

Araújo decidiu começar por um nome mais respeitado da música brasileira de caso pensado uma vez que, uma entrevista com ele seria um ótimo cartão de visita para os próximos artistas que procurasse. E nada melhor que começar por Tom Jobim que, apesar de ser autor de canções como “Águas de março”, “Corcovado”, “Wave” entre outros tesouros musicais, era também um artista surpreendentemente acessível.

Quando a pesquisa de Araújo teve início no início da década de 1990, não era comum aos artistas brasileiros a figura do assessor de imprensa ou de profissionais de relações públicas. Durante os anos em que colheu depoimentos, Araújo presenciou e viveu essa transição na forma como os artistas se relacionavam com a mídia. Esse distanciamento entre celebridade e público se intensificou nos 90 e, hoje, é difícil imaginar um estudante de comunicação que liga na casa de Tom Jobim e é atendido pelo próprio maestro. E assim foi com Caetano Veloso, Erasmo Carlos, Martinho da Vila, Ronaldo Bôscoli, Chico Buarque e... João Gilberto (de quem Araújo se tornou amigo). A lista de artistas com quem Araújo marcou, encontrou, gravou e filmou entrevistas impressiona. Realmente, é um ótimo cartão de visitas a futuros entrevistados e um convite a leitores.

Roberto Carlos, no entanto, sempre teve sua corte de secretários e assessores. Ivone Kassu, sua assessora de imprensa foi uma das pioneiras da profissão no meio artístico nas décadas de 60 e 70. Em 1965 fez seu primeiro trabalho como assessora de imprensa para Chico Anysio. Anos depois, teria em seu portfólio clientes como Milton Nascimento, Chico Buarque, Tom Jobim, Clara Nunes, Maria Bethânia e é claro, Roberto Carlos (com quem trabalhou durante 40 anos).

A primeira medida que Paulo Cesar de Araújo tomou ao decidir seu objeto de pesquisa na faculdade foi marcar as primeiras das 175 que realizou. O número de fontes entrevistadas por Araújo foi superior às 125 fontes que Ruy Castro contactou quando pesquisava para biografia de Nelson Rodrigues, e muito menor que o número de 500 entrevistados pelo escritor mineiro na biografia de Garrincha.

Mas não se trata de uma competição e sim, de entender que o uso de “fontes secundárias” (VILAS BOAS, 2002, p. 55) é um recurso que possibilita o encontro do biógrafo com algum personagem fundamental à narrativa de um evento. A entrevista é uma aliada do biógrafo no

processo de escrita porque possibilita a “observação participante” (idem, p. 64) e permite a imersão, o contato, o diálogo.

O encontro humano é fundamental e se encaixa perfeitamente em um projeto biográfico. O manejo das fontes secundárias é nada mais que o exercício de lembrar. Mas lembrar não é reviver, e sim refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado (de ontem ou de muitas décadas atrás). (VILAS BOAS, 2002, p. 64)

Assim, o método de entrevistas de Araújo é essencial à narrativa e foi um recurso para chegar até o cantor. Com a surpreendente facilidade que acessou Tom Jobim, Caetano Veloso, Chico Buarque e até mesmo João Gilberto, Araújo não imaginava como a assessora de imprensa do rei representaria uma pedra em seu sapato. Assim começava a saga de Araújo em conseguir um encontro frente a frente, olho no olho – encontro que só aconteceria 15 anos depois, em uma audiência de conciliação.

1.3.1 Amável interrogador

Depois da publicação de uma biografia, é comum surgirem fontes que afirmam que não deram entrevistas ao autor. Normal. Uma dessas entrevistas ganhou incômoda notoriedade e intensificou o debate entre biógrafos e artistas. Em meio a um intenso clima de disputa fomentado pela imprensa, Chico Buarque publicou o artigo “Penso eu ⁶” no site do jornal *O Globo*, no qual garantia que nunca havia falado com Araújo.

Pensei que o Roberto Carlos tivesse o direito de preservar sua vida pessoal. Parece que não. Também me disseram que sua biografia é a sincera homenagem de um fã. Lamento pelo autor, que diz ter empenhado 15 anos de sua vida em pesquisas e entrevistas com não sei quantas pessoas, inclusive eu. Só que ele nunca me entrevistou.

No artigo, Buarque também menciona outro episódio narrado no livro *Eu não sou cachorro, não*, em que ele teria criticado os exilados Caetano Veloso e Gilberto Gil por denegrirem a imagem do Brasil no exterior. O cantor afirma que a declaração foi publicada na coluna *Escracho na Última Hora*⁷ que, como ele mesmo escreveu, era um jornal policial ligado aos porões da ditadura. Por essa razão, ele nunca daria entrevista àquele veículo; a declaração seria forjada e falsamente atribuída ao cantor carioca.

⁶ Artigo publicado em outubro de 2013 no site do jornal *O Globo*.

⁷ O periódico *Última Hora* (1951–1970) foi um dos jornais brasileiros mais importantes. Fundado pelo jornalista Samuel Wainer, a *UH* transformou o jornalismo da época: modernizou o maquinário, concedeu aumento salarial aos jornalistas, adotou paginação inovadora e a atualização das notícias em várias edições ao longo do dia. Nas décadas de 1950 e 1960, abrigava um time invejável de colonistas e cronistas. Em seu auge, chegava a todo o Brasil e tinha sede própria em sete estados.

Acontece que a *Última Hora* foi um dos jornais que mais lutou contra a opressão do regime militar. No dia 31 de março, o jornal foi invadido por militares e teve suas portas fechadas, num episódio enigmático de censura no governo de Médici. Mais uma vez, Chico Buarque estava enganado e acabou por cometer dois atos falhos. O primeiro de dizer que nunca havia sido entrevistado por Araújo, quando na verdade fora. O segundo foi alegar (erroneamente) que o *Última Hora* era ligado à violência dos porões da ditadura quando, na verdade, tratava-se da *Folha da Tarde*, cuja direção manteve ligações com torturadores do regime. Não que ele não tivesse sido alertado: procurar a parte em que vão dizer que não deram entrevista.

Horas depois, Araújo desmentiu, divulgou foto e vídeo da entrevista, realizada em 1992 na casa do cantor e escreveu um artigo para o mesmo jornal. Intitulado *De seu adorável interrogador*, o texto traz o esclarecimento do biógrafo.

Ocorre que Chico Buarque foi, sim, uma das 175 pessoas que entrevistei para a pesquisa que resultou naquele livro. O artista certamente se esqueceu, mas ele me recebeu em sua casa, na Gávea, na tarde de 30 de março de 1992. E esta entrevista, com duração de quatro horas, foi gravada, filmada e fotografada. Falamos muito sobre censura, interrogatórios – creio que por isso ele escreveu, junto com o autógrafo que me deu na capa do disco *Construção*: “Para o Paulo, meu amável interrogador, com um abraço do Chico Buarque. Rio, março/92.”⁸

Chico Buarque voltou atrás e se desculpou, mas manteve a postura contrária às biografias não autorizadas. O que aconteceu com Chico Buarque se repetiu com outras fontes de Araújo. O fotógrafo oficial de Roberto Carlos, Luiz Garrido e a cantora Isolda também se esqueceram dos depoimentos que deram a Araújo. O fotógrafo e a cantora acabaram processando-o por danos morais, alegando que o conteúdo do depoimento poderia abalar sua relação com o amigo Roberto Carlos. O fotógrafo também entrou com uma ação contra Araújo e a editora Planeta pelo uso de vários trabalhos que, de fato, foram reproduzidos sem autorização no livro, inclusive as imagens que ilustram a capa de *Roberto Carlos em detalhes*. Mais tarde, o fotógrafo retiraria as ações contra Araújo. Vilas Boas (2002) alerta que esse tipo de situação é comum aos biógrafos e quanto mais aparatos tiverem a seu favor melhor.

Nas entrevistas, o ato de lembrar oculta armadilhas com as quais o biógrafo, inevitavelmente, terá de lidar. Quanto mais pessoal a lembrança, e quanto menos presa ela estiver a ações do presente, mais distante, rara e fugidia será sua atualização pela consciência no momento da entrevista. (VILAS BOAS, 2002, p. 62).

⁸ Resposta de Paulo Cesar de Araújo a Chico Buarque. O texto foi publicado em 16 de outubro de 2014 no jornal *O Globo*.

O autor fala em espaços, rostos, ideias que, se estiverem bem definidos na mente do biógrafo, são mais fáceis de reconstituir. Além de tudo isso em mente – afinal, como um estudante de comunicação esqueceria o dia em que foi à casa de Chico Buarque de Hollanda para entrevistá-lo? – Araújo tinha um respaldo multimídia (com fotos e vídeos) que lhe permitiria contradizer Buarque.

1.3.2 João Gilberto: o amigo, irmão, camarada

“O que ele faz o tempo todo”? Questionou o jornalista Marc Fischer no livro *Ho-ba-la-lá – à procura de João Gilberto* (2011) e, mesmo depois da obcecada busca ao cantor baiano, Fischer não conseguiu sanar essa dúvida sobre a reclusão de João Gilberto. Curiosamente, Paulo Cesar de Araújo conseguiria. O criador da bossa nova é conhecido por ser estranhamente recluso, tímido, a voz sussurrada do baiano é um privilégio de quem escuta sua obra, ou de quem participa de seu seletíssimo convívio (pelo telefone). Paulo Cesar de Araújo tinha tudo para aumentar a lista de esperançosos que querem entrevistá-lo mas a sorte (ou a geografia) trabalhou em seu favor.

De todos os desafios que encontrou para biografar Roberto Carlos, João Gilberto, definitivamente, não foi um deles. Estagiário na Rádio Jornal do Brasil, Araújo ligou para o cantor e foi logo despachado. João Gilberto disse que estava ocupado e não poderia falar naquele momento. Quando Araújo tentou marcar um outro horário para retornar a ligação, João Gilberto o interrompe e pergunta: “Você é baiano?”

Com a resposta positiva, João Gilberto imediatamente encontrou alguns minutos para conversar com o conterrâneo. O cantor se interessou por Araújo, fazendo várias perguntas sobre sua vida e sua história, segurando Araújo por duas horas no telefone. Desde então, o escritor estabeleceria uma relação de amizade com o cantor baiano.

“Oi, Paulo, tudo bem? Entra aí”, convidou João Gilberto no primeiro encontro com Paulo Cesar de Araújo em um hotel em Salvador (a convite do artista, o escritor viajou para assistir ao show exclusivo que o cantor faria na capital baiana).

Ele me recebeu como se aquilo fosse aquilo fosse a coisa mais comum e natural do mundo. Parecia que nos víamos todos os dias. E, no entanto, já haviam se passado quase dois anos desde a nossa primeira conversa telefônica, quando me aconselhou a escrever sobre o meu pai. (...) Pouco depois chegou o dr. Campos e dali a mais alguns minutos, Gal Costa,

trajando um longo vestido e calçando uma sandália que faziam lembrar seu antigo visual hippie. (ARAÚJO, 2014, p.159)

De fato, Araújo foi aconselhado a reencontrar o pai que não via há treze anos. Ao saber que o escritor não ouvia notícias do pai desde que foi embora de Vitória da Conquista, o cantor o orientou a escrever uma carta “sem medo, sem ressentimento”. Diante dessa intervenção de João Gilberto, Araújo escreveu uma carta que marcaria a reaproximação com o pai e constatou que o artista tinha uma certa afeição por unir as pessoas, provocar encontros e influenciar a vida de todos à sua volta.

João Gilberto e sua arte tiveram (e ainda têm) esse efeito nas pessoas. Os acordes simples de violão presentes no álbum “Chega de saudade” (1959) chacoalharam a música brasileira e influenciaram o trabalho de vários artistas brasileiros e internacionais. Na busca por Roberto Carlos, Araújo encontraria em João Gilberto a fonte que lhe traria mais surpresas. Devido a seu ‘biógrafo não autorizado’, Roberto Carlos pôde confirmar que João foi mesmo vê-lo na Boate Plaza, em 1959 – ele entrou discretamente, prestou atenção no desconhecido cantor capixaba que queria cantar como ele e gostou do que ouviu. “Lembro que, quando entrei na boate, Roberto estava cantando ‘Brigas nunca mais’”, recorda João em entrevista a Araújo. A história de Araújo e João Gilberto traz uma alusão ao livro *Ho-ba-la-lá – à procura de João Gilberto* (2011), de Marc Fisher.

No livro, o jornalista e escritor alemão narra a paixão por João Gilberto e pela Bossa Nova, lançando-se na difícil (quase impossível) tarefa de ir ao Rio de Janeiro para tentar encontrar João Gilberto e, não obstante, convencê-lo a tocar “Ho-ba-la-lá” num violãozinho centenário. A respeito da abordagem biográfica de Fischer em *Ho-ba-la-lá* e as tensões criadas na relação biógrafo e biografado (e na ausência dela), o jornalista Suênio Campos Lucena escreve sobre a impossibilidade de alcançar a verdade absoluta de um personagem: “O livro é divertido, mas persiste com certo desalento ao descrever uma tarefa que vai fracassar, característica que contraria o narrador da ‘biografia clássica’: assertivo, seguro, aquele que tudo sabe”. (LUCENA, 2013, p. 82) O romance histórico e biográfico tem propostas diferentes de *Roberto Carlos em detalhes* mas, apesar das diferenças formativas e textuais, os trabalhos servem de exemplo de como a experiência pessoal do biógrafo é definitiva à biografia.

Araújo, nunca conseguiu mais que instantes ao lado de Roberto Carlos. Nesse sentido, passou pela mesma experiência que Fischer – ele entrevistou várias fontes, vasculhou a vida de seu personagem – mas tinha acesso restrito quanto a falar exclusivamente com ele. Desde o

início, o narrador de *Ho-ba-la-lá* descreve uma missão impossível. Marc Fischer narra encontros com um ex-assessor do cantor; com o chef de cozinha que forneceu bifês de filet mignon durante cinco anos ao cantor, apesar de nunca tê-lo visto; com Roberto Menescal; João Donato e sua ex-mulher, Miúcha (com quem ele teve a filha, Bebel Gilberto).

Tentei todos os canais possíveis, ex-gravadoras, empresários, produtores de shows etc. Nunca obtive resposta. Quero...encontrá-lo porque não está claro se se trata de um louco, de um excêntrico, de um fantasma, de um homem invisível, de um monge ou de alguém alérgico ao sol. (FISCHER, 2011, p.17)

A abordagem inicial de Fischer na tentativa de chegar até João Gilberto por meio de entrevistas é mesma de Araújo, mas se difere à medida que o autor se insere na narrativa. Diferente de Araújo, Fischer coloca-se como personagem do romance histórico-biográfico que constrói sobre João Gilberto. Em *Ho-ba-la-lá*, Fischer coloca-se antes de tudo, como admirador sem qualquer tipo de distanciamento do objeto de pesquisa e “só essa paixão, aliás, pode justificar a caçada (hilária) por um homem que nunca tinha visto” (LUCENA, 2013, p. 142).

Apesar da declarada admiração pelo rei, Paulo Cesar de Araújo ainda assim segue um ensaio predominantemente demonstrativo em *Roberto Carlos em detalhes*. Nesse primeiro livro, Araújo não participou o leitor das dificuldades de pesquisa (nem precisava) tendo como foco a reconstrução da vida de Roberto Carlos. O escritor só explanaria os desafios da composição da biografia no lançamento de seu livro seguinte. Sendo assim, é mais fácil encontrar diálogos da estrutura de *Ho-ba-la-lá* com o livro *O réu e o rei*. Os livros são sobre a busca, o processo e a dor de biografar personagens vivos tão próximos e, ao mesmo tempo, tão impossíveis.

É interessante observar o que o processo biográfico faz com os dois autores e como eles reagiram ao processo de escrever sobre ídolos. Aqui, surge a interrogação sobre qual é o resultado de uma biografia na vida do biógrafo? O que resta do biógrafo depois do último ponto final? Marc Fischer nunca conseguiu o que queria – ouvir João Gilberto tocar a canção “Ho-ba-la-lá” de perto – e, dias antes do lançamento do livro, o escritor suicidou-se em Berlim. Lucena aponta a posição negativa de Ruy Castro quanto ao questionamento: “Algum brasileiro escreveria livro igual?” De fato, o resultado de *Ho-ba-la-lá* só foi possível pelo trabalho do escritor alemão, que tinha uma relação muito particular com o objeto e foi capaz

de escrever “com especulações (surpreendentemente a propósito) sobre a morte, o destino, a solidão, a fala por silêncios e a sensibilidade para com o invisível”?⁹

Não cabe aqui especular se o tormento de Fischer foi, de fato, causado por João Gilberto e sim perceber que as vidas desses autores não permaneceram inertes à construção de seus livros. A biografia de Marc Fischer é resultado de sua vida como pesquisador de João Gilberto e a biografia de Araújo se transforma a cada dia que ele segue pesquisando sobre o rei e o episódio judicial. Imagino que mesmo depois de tudo o que aconteceu entre ele e seu ídolo e inimigo Roberto Carlos, Araújo guarde um patrimônio incontestado e impossível de condenar: João Gilberto era seu amigo de fé, seu camarada.

2. Roberto Carlos *has a cold*

Em 1966, Paulo Cesar de Araújo era apenas uma criança de quatro anos e já teria sua vida marcada pela presença de Roberto Carlos. No ano anterior, Roberto lançara a música “Quero que vá tudo pro inferno”, um dos seus maiores sucessos em parceria com Erasmo Carlos – e com ela, iria transformar a relação do público brasileiro com o rock’n’roll. Em 1965, Roberto Carlos ainda não era o fenômeno da música brasileira e Paulo Cesar ainda estava longe de se tornar o biógrafo do rei. Com tão pouca idade, tudo o que Araújo conhecia sobre o futuro ídolo eram os animados acordes da música que estourou no Natal de 1965¹⁰.

Naquele mesmo ano, o famoso perfil *Frank Sinatra está resfriado* do jornalista Gay Talese foi publicado na revista *Esquire*. Como se sabe, o texto é considerado um clássico do chamado Novo Jornalismo¹¹ e tido, quase 50 anos depois, como uma das melhores publicações da revista americana. O mérito do jornalista, além de seus já conhecidos atributos de apuração e texto, foi tê-lo feito sem entrevistar Sinatra. Até então as premissas do “bom jornalismo” indicariam que, se Talese foi enviado a Beverly Hills para escrever um perfil sobre Sinatra, como ele faria isso sem sequer uma declaração do cantor?

⁹ Coluna de Ruy Castro publicada dia 10 de dezembro de 2011 na *Folha de S. Paulo*. Disponível: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/13931-livro-narra-caca-a-joao-gilberto-em-tom-policia.shtml>>

¹⁰ Araújo explica que Roberto Carlos estabeleceu uma espécie de pacto com os fãs, em que sempre lançaria um disco de final de ano com canções inéditas. “O cantor se comprometia a lançar um álbum em cada Natal (...) e os fãs se comprometiam a ir anualmente comprá-lo. Um acordo nunca verbalizado, mas implicitamente feito pelo artista e seu público” (p. 18).

¹¹ Movimento jornalístico surgido nas redações norte-americanas durante a década de 1960. Representado pelos jornalistas Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote, o gênero propunha a reinvenção da escrita jornalística tradicional por meio de técnicas narrativas vindas da literatura.

Sobre a não-entrevista, o jornalista e biógrafo de Frank Sinatra, James Kaplan comenta:

É um grande texto que teria resultado infinitamente inferior se Talese conversasse com o cantor. Sinatra provavelmente teria respondido às questões de Talese com banalidades e de modo evasivo. A ausência de entrevista aumentou a agudeza das observações do jornalista e conferiu ao relato uma atmosfera de tensão que diminuiria com um encontro frente a frente¹².

Com a negativa do astro, Talese pôs-se a trabalhar com o que tinha: o jornalista se valeu de conversas com amigos, familiares, empregados e até mesmo pessoas que simplesmente estavam *por perto* de onde o cantor estava¹³ – na área privativa de um bar ou no palco – a presença de Sinatra era inebriante e tinha efeito no comportamento de todos a sua volta. Sem poder conversar com Sinatra, o jornalista apostou em sua observação cirúrgica desses lugares. “Como deixa claro em *Como não entrevistar Frank Sinatra*, a ida à maioria desses lugares foi possível graças aos convites de Mahoney, assessor de Sinatra” (ALCURI e MENEZES, 2013, p. 49).

Citado pelo autor no perfil, Jim Mahoney sempre o acompanhava em suas incursões no mundo do cantor, como uma espécie de passaporte vivo. “Eu estava com Mahoney, como sempre. Ele era o meu guarda. Eu não ia a lugar nenhum sem ele”, afirma Talese. Realmente, o assessor de imprensa de Sinatra tornou o trabalho de Talese mais próximo do possível e permitiu que o jornalista tivesse acesso à experiência de conviver – mesmo de longe – com A Voz. Talese contou com o apoio de Mahoney para trabalhar mesmo sem alcançar Sinatra. Araújo, porém, não teve a mesma sorte com Ivone Kassu, assessora de imprensa de Roberto Carlos.

Nesse sentido, como narrador-observador de seu perfil, Talese teve vantagens com relação a Araújo. O jornalista americano, mesmo impedido de falar diretamente com Sinatra, pôde frequentar os lugares que o cantor frequentava, observá-lo – mesmo que de longe – nos mínimos detalhes, desses que só dá para tomar nota quando em presença. Talese observa como Sinatra bebe o seu drinque favorito, como segura o copo, como se comporta na coletividade e na reclusão de um resfriado. O jornalista aproveita o máximo para observar

¹² Aspas de James Kaplan publicadas no artigo “Não-entrevista que fez história”, de Francisco Quintero Pires. Editoria de Cultura no portal *O Estadão*, 18 de dezembro de 2010.

¹³ “Os ambientes nos quais Talese observou Sinatra foram: um bar privativo em Beverly Hills, no qual Sinatra entrou numa briga; o estúdio de gravação da NBC; o hotel-cassino Sand, em Las Vegas, em que acontece uma luta de Boxe; e um set de Hollywood” (ALCURI, MENEZES, 2013, p. 49).

(mesmo com limitações) e extrai da observação características fundamentais do seu personagem.

Araújo não. Dos encontros que teve com RC, antes do lançamento de *Roberto Carlos em detalhes*, todos foram muito rápidos, de longe, vigiados e com os minutos contados. Mesmo diante da impossibilidade (e evidente falta de interesse) de uma entrevista, se ao menos o cortejo de Roberto tivesse concedido ao biógrafo a permissão de acompanhar (mesmo de longe, como Talese) o rei, seus hábitos, amizades, momentos de tensão e descontração, tudo seria diferente. Se tivesse conseguido a permissão para ao menos observar Roberto Carlos, Araújo teria escrito outro livro –talvez não tão diferente do livro que escreveu afinal, segundo ele, só precisava de alguns minutos com o cantor – mas sem dúvida, um outro livro. Talese reuniu mais de 100 entrevistas feitas para compor a obra-prima de 15 mil caracteres que iria revolucionar o jornalismo sobre personagens. Uma vez por dentro, Talese passou seis semanas analisando os ambientes frequentados pelo cantor, seu comportamento, companhias, as roupas que vestia e, inclusive, o estado psicológico em que Sinatra se encontrava.

Sinatra estava doente. Padeceu de uma doença tão comum que a maioria das pessoas a considera banal. Mas quando acontece com Sinatra, ela o mergulha num estado de angústia, de profunda depressão, pânico e até fúria... Porque um resfriado comum despoja Sinatra de uma joia que não dá para pôr no seguro – a voz dele –, mina as bases de sua confiança, e afeta não apenas seu estado psicológico, mas parece provocar também uma espécie de contaminação psicossomática que alcança dezenas de pessoas que trabalham para ele, bebem com ele, gostam dele, pessoas cujo bem-estar e estabilidade dependem dele. (TALESE, 1966, p. 1)

Com a publicação desse perfil, Talese concedeu ao jornalismo perspectivas inovadoras para a criação de narrativas de personagem mesmo sem dialogar com ele. Didaticamente, o jornalista contesta um dos pilares da escrita jornalística ao não conversar com sua fonte *a priori* tida como principal e, com isso, mostra que é possível realizar um perfil estabelecendo contato apenas com família, amigos, conhecidos, ou qualquer pessoa que orbite no universo do personagem principal.

O rei raramente conversa com jornalistas¹⁴, exceto para entrevistas coletivas que concede sempre que tem trabalho novo. Ao bloquear o acesso jornalístico de maneira direta

¹⁴ Os encontros com o rei estão cada vez mais restritos aos jornalistas da TV Globo. Porém, Araújo narra o episódio em que seu amigo Lula Branco Martins – então editor da revista *Programa*, suplemento do *Jornal do Brasil* – conseguiu uma entrevista na casa de Roberto. Colegas de faculdade, Lula convidou Araújo para assistir a entrevista e, talvez, fazer uma pergunta ao cantor. “O que Lula

(por medidas contratuais, Roberto Carlos só concede entrevistas exclusivas à TV Globo), o cantor demonstra o seu receio de ser sabatinado, exposto por perguntas que não têm hábito de responder. Ele é desconfiado, e um controlador patológico. No programa *Fantástico* exibido em fevereiro de 2004, Roberto admite ter sido diagnosticado com TOC (*transtorno obsessivo compulsivo*): “Não se trata de se livrar dessa ou daquela mania, mas de tratar o problema como um todo. Determinadas coisas me angustiam hoje menos do que antes. Exemplo: o fato de você estar de preto não está me incomodando. Antes, eu poderia ficar um pouco incomodado”.

O cantor faz referência à cor da roupa que o jornalista Geneton Moraes Neto usava naquela entrevista. Geneton salvou-se do apuro que Harlan Ellison passou com Sinatra em um clube californiano¹⁵, narrado em detalhes por Talese. Certamente, nos períodos em que a doença se manifestava mais intensamente, Roberto Carlos não teria reagido à roupa de Geneton Moraes Neto com a mesma animosidade demonstrada por Sinatra em relação às botas Game Warden de Ellison. Mas ele, ainda assim, desaprovava.

As manias de Roberto Carlos são conhecidas. Não veste cores escuras (as cores preta e marrom incomodam o rei até mesmo quando não são usadas por ele, mas por pessoas em sua presença). Ele evita certas palavras em suas músicas e usa sempre a mesma cor de caneta, não faz setas ou rabisca no papel em que compõe. Não canta o samba “As rosas não falam”, por discordar de Cartola sobre as capacidades linguísticas das plantas – ele conversa com elas e baniu do seu repertório “Quero que vá tudo pro inferno”, a música que o fez Roberto Carlos, o rei da juventude. E, é claro, não gosta do número 13. Seria o TOC o resfriado de Roberto Carlos?

Como já dito, Roberto Carlos ainda não havia sido coroado rei da juventude na época que estourou com sua música que mandava tudo para o inferno. Frank Sinatra, no entanto, já era Frank Sinatra. Na época em que foi procurado por Talese, o cantor americano estava prestes a lançar o seu 50º álbum, *Strangers in the night* (trabalho que marcaria sua grande volta ao topo das paradas de sucesso americanas desde 1960), havia lançado mais 30 álbuns e

conseguiu foi algo raro. Entrevistar qualquer grande mito do show business é sempre difícil. Agendar uma entrevista com Roberto Carlos – e na casa dele –, mais difícil ainda” (ARÁUJO, 2014, p. 171).

¹⁵ O escritor e roteirista Harlan Ellison se envolveu em uma pequena discussão com A Voz. No relato de Talese, Sinatra tinha um problema quanto à informalidade com que o escritor se vestira naquela noite. Depois de observá-lo, Sinatra zomba de suas botas – a que Ellison responde, causando grande tensão na sala. Ao fim da discussão, Sinatra adverte: “Não quero ninguém aqui sem paletó e gravata” (TALESE, 1966, p. 7)

atuado em 50 filmes. Esse, sim, já reinava absoluto nos palcos do mundo inteiro e nem desconfiava que, anos depois na América do Sul, surgiria um equivalente seu.

Na elaboração da biografia de Roberto Carlos, Araújo se viu diante dos desafios de contar uma história sem a colaboração de seu personagem principal – o que não é, principalmente no campo da biografia, uma prática inédita. A entrevista com o biografado pode ser vista como um privilégio ou porque o biografado não é vivo, ou porque simplesmente não quer conversar com o biógrafo. O escritor e jornalista Ruy Castro escreveu sobre fato de que o “o único biografável possível precisa estar morto”¹⁶, tendo em vista a possibilidade de represálias e reparações por parte do biografado. Ruy Castro tem uma posição firme contra biografáveis vivos que participem, ou não, do processo de construção da obra.

“Ao ser inevitavelmente usada como fonte (caso ‘autorize’ ou apenas aceite a biografia), ela se dedicará a mentir sobre si mesma para o biógrafo. E, pior, poderá induzir amigos a também mentir ou, no mínimo, omitir fatos. Não dá pé.” Autor de biografias como *O anjo pornográfico* (sobre Nelson Rodrigues), *Estrela solitária – um brasileiro chamado Garrincha*, e *Carmen – Uma biografia*, o escritor nunca biografou alguém vivo e, mesmo assim, produziu obras de inegável qualidade para a biografia brasileira. Na mesma coluna, provoca: “E não pode ser um morto recente, porque a morte transforma, de saída, qualquer um em santo. Leva tempo para que os defeitos voltem a assentar sobre o cadáver e, para isso, ele precisa estar mais que geladinho”.

Acontece que, mesmo depois de falecido, os guardiões do passado¹⁷ também podem interferir na obra. Rui Castro passou, em 1996, pela experiência judicial enfrentada por Paulo Cesar de Araújo em 2007: cinco dias depois do lançamento da biografia de Garrincha, a obra foi proibida¹⁸ e só voltou a circular depois de um extenso acordo com as herdeiras do ex-jogador.

O que me leva a questionar, qual a real importância de ter o biografado como fonte. As aspas do biografado podem ser consideradas um privilégio, uma vez que uma entrevista

¹⁶ Texto publicado na coluna do escritor na *Folha de S. Paulo*, no dia 9 de julho de 2007.

¹⁷ Em seu livro *Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens*, Sergio Vilas Boas determina quatro fatores que podem afetar uma biografia: 1) o próprio biógrafo; 2) os guardiões do passado do biografado; 3) a editora; 4) fontes orais e escritas (p. 61).

¹⁸ A justiça proibiu a obra cinco dias após o lançamento em 1996. As filhas do ex-jogador pediram indenização por danos à imagem do pai.

implicaria em uma espécie de consentimento do biografado para a narrativa que está em criação. Durante anos de pesquisa, Araújo nunca conseguiu falar com o cantor em entrevista específica para a produção de seu livro.

Em entrevista ao programa *Roda Viva*¹⁹, Araújo comenta o fato de que, apesar da insistência, nunca conseguiu marcar um encontro com o rei. “Deve ser um recorde um jornalista ter passado 15 anos tentando o mesmo personagem”, ironiza. Segundo o autor, durante o tempo em que entrou em contato com a assessoria de imprensa do cantor sempre recebia as mesmas respostas evasivas da Kassu Produções²⁰: “Roberto está viajando, Roberto está gravando, Roberto está rezando. E assim se passaram 15 anos”, disse Araújo.

Como Talese, intensificou o trabalho de apuração e seguiu em frente com o livro. Além da pesquisa oral, baseou-se também no caráter assumidamente autobiográfico das músicas de Roberto Carlos e demais fontes originais como gravações, entrevistas, cartas, revistas, jornais e memórias. Sobre o anseio de pretensão de captar a experiência total de vida, Dosse aponta que “a vontade de não perder nada ou perder muito pouco” (DOSSE, 2009, p. 21) são constantes aos biógrafos que, por sua vez, não podem deixar seu trabalho sofrer com lacunas de documentação ou problemas de arquivo. Apesar das negativas do cantor e sua equipe, Araújo dispôs do que o escritor e historiador francês Max Gallo defenderia como a utilização da intuição e a imaginação do biógrafo para compensar a ausência de informações e, assim, obter um “relato completo, estruturado, coerente, sem fissuras. Levanta então hipóteses com base naquilo que dispõe. (...) Sua ambição é recriar, graças ao relato, o movimento de uma vida” (GALLO *apud* DOSSE, 2009 p. 21).

Mas convém relacionar os casos por outras razões que seguem. A questão é que as comparações entre os casos não cessam no fato de que ambos os autores do perfil e da biografia não tinham se encontrado com seus personagens e ainda assim apresentaram trabalhos elogiosos. O caso se relaciona por apresentar uma situação comum tanto entre os escritores quanto entre os personagens. Há algo de Frank Sinatra em Roberto Carlos e não poderia ser diferente.

O texto de Araújo não sofreu tantas influências estilísticas pelo fato de não ter conseguido uma entrevista com o rei – e essa não parece ser sua intenção como biógrafo. Talese, como narrador-observador, entrega um texto repleto de figuras narrativas como

¹⁹ O programa *Roda Viva*, da TV Cultura, foi ao ar no dia 29 de outubro de 2013.

²⁰ Escritório da assessora de imprensa de Roberto Carlos, Ivone Kassu (1946–2012).

descrição, construção de personagem, figuras de tempo e espaço. Araújo, por sua vez, apresenta um livro híbrido e, segundo ele, pouco comum entre as biografias brasileiras. O livro foi escrito em forma de ensaio, elaborada a partir de diferentes capítulos temáticos. Assim, o que seria “basicamente um longo ensaio em capítulos temáticos, semelhante a *Eu não sou cachorro, não*, ganharia também a forma de um livro biográfico – o que até então não estava definido.”²¹

2.1 Versão brasileira

No livro de Araújo, Roberto Carlos surge no cenário musical brasileiro como “a versão brasileira de algo ou alguém” e o autor evidencia isso em vários momentos da biografia. A pesquisa do biógrafo leva a crer que Roberto Carlos sempre teve influências claras dos artistas que admirava e isso se refletia tanto na música que fazia quanto na maneira como se apresentava. Como prevê a lógica tupiniquim, o Brasil procura em si os produtos da indústria cultural que consome.

O livro *Roberto Carlos em detalhes* mostra que, antes de se tornar o rei da juventude, Roberto Carlos tentou se lançar na música como um novo João Gilberto. No final dos anos 50, a bossa nova²² cantada pelo cantor baiano chacoalhou a produção musical no Brasil e, sem dúvida, atingiu em cheio os artistas da época, inclusive Roberto Carlos. Apaixonado pela simplicidade dos acordes do violão e das letras, Roberto tentou ser um cantor de bossa nova, imitando o timbre de voz característico de João Gilberto. Apesar de sua admiração, Roberto Carlos não foi bem acolhido pelo gênero musical: além da falta de talento para cantar bossa, havia um abismo social, cultural e político que o impedia de entrar para a Turma da Bossa²³.

²¹ Em meados de 2006, a disposição dos capítulos teve de ser reorganizada para atender à cronologia biográfica. Inicialmente, Araújo acreditava que o trabalho seria um ensaio sobre Roberto Carlos, mas acabou reestruturando-o como uma biografia. Mesmo com estrutura cronológica e factual, os capítulos ainda são divididos em temas como: Roberto Carlos e a televisão, Roberto Carlos e a transgressão, Roberto Carlos e o sexo, Roberto Carlos e a fé (...).

²² Aqui é interessante destacar a distinção entre Bossa Nova (caixa alta) e bossa nova (caixa baixa) que, frequentemente aparecem como sinônimos. Na definição de Araújo, a Bossa Nova é o movimento datado no final dos anos 50 que caracterizava a comoção de jovens músicos da zona sul carioca. A termo bossa nova (caixa baixa) concerne ao “estilo musical criado por João Gilberto com base no ritmo do samba sendo, portanto, atemporal”. (ARAÚJO, 2007, p.78).

²³ Segundo relato de Araújo, a Turma da Bossa foi como ficou conhecido o seletto grupo de cantores e compositores de bossa nova no início da década de 60. Liderados por Ronaldo Bôscoli, artistas como Roberto Menescal, Chico Feitosa, Durval Ferreira, Carlos Lyra e Nara Leão integravam o distinto grupo de jovens da zona sul carioca que “difícilmente admitia alguém de fora do seu círculo de

O empresário Evandro Ribeiro convenceu Roberto Carlos de que bossa nova não era a sua e logo o convenceu a cantar rock'n'roll. Ele agora seria uma versão brasileira dos Beatles ou Elvis Presley e isso é muito evidente em um primeiro momento da carreira de Roberto. O visual e a figura de Roberto Carlos eram uma versão brasileira do que Elvis Presley e os Beatles representaram para a cultura pop durante os anos 50 e 60. O galã, que se dava bem com as garotas, rebelde, fã de carros velozes, ganharia uma versão dublada no dia da estreia do programa *Jovens Tardes*.

Porém, quando faz sua estreia no Canecão em 1970, o cantor se desvencilharia da figura do jovem rebelde para o cantor romântico à frente de uma *bigband*. Sua estreia nos shows de grande porte assemelhava-se às apresentações que Sinatra fazia em suas turnês. No Brasil, não havia estrutura de produção artística parecida com aquela que Roberto Carlos e sua *entourage* estavam prestes a apresentar. Nem mesmo Elis Regina, a maior cantora brasileira da época, se apresentava com tamanha grandiosidade; Elis também tinha Ronaldo Bôscoli e Carlos Miéle como produtores e se apresentava acompanhada de um quarteto (violão, piano, baixo e bateria) – nada que se comparasse à enorme orquestra de 70 músicos que preencheria o palco do Canecão junto a Roberto Carlos. A dupla Bôscoli e Miéle teve que convencer Roberto Carlos a aceitar o desafio de se apresentar frente a uma *bigband à la Sinatra*.

Assim, o Canecão se firmou como a maior casa de shows do Brasil, Miéle e Bôscoli se consagraram como megaprodutores e Roberto Carlos, “definitivamente como o grande cantor do país – muito além do que simplesmente um ídolo do iê-iê-iê”. Dessa maneira, o Sinatra brasileiro estabeleceria um novo tipo de performance para os artistas brasileiros ao se apresentar em grandes temporadas em um único palco – e dessa vez, com referências musicais e estéticas inspiradas na sofisticação romântica de Frank Sinatra (é claro) e Tony Bennett. Como fizera antes – trazer o *rock' n' roll* para a cultura pop do Brasil e, assim, ativar uma das maiores revoluções da música popular brasileira²⁴ – Roberto Carlos mudou os rumos do *show business* existente no Brasil. Amparado pelos dois principais produtores musicais da época e pela melhor (e maior) estrutura já vista no Brasil, Roberto Carlos se consagrava como o rei da

amizades”. Essa postura do grupo atinge Roberto Carlos que, na época, era chamado de “João Gilberto dos pobres”. (ARAÚJO, 2007, pp.78-79)

²⁴ É notória a influência do rock' n' roll de Roberto Carlos e a turma da Jovem Guarda na música brasileira feita posteriormente, como o Tropicalismo. Por exemplo, o uso de guitarras elétricas tão característico nas músicas da Jovem Guarda, era considerado uma afronta ao nacionalismo do violão acústico – e frequentemente associado ao imperialismo cultural americano. Até que Jorge Ben agrega a guitarra elétrica ao seu ‘jovem samba’ e Caetano Veloso no álbum manifesto *Tropicália* (1968).

música brasileira. O Canecão hospedou a pomposa temporada de shows que coroou o antigo rei do iê-iê-iê como rei do Brasil.

Com esse breve panorama da carreira do cantor, Paulo Cesar de Araújo insere na biografia momentos em que a carreira de Roberto Carlos se espelha no trabalho de vários artistas e ícones da música, dentre eles Tony Bennet – de quem é fã declarado – e Frank Sinatra. Não poderia ser diferente. Frank Sinatra foi, e ainda é, considerado um dos maiores intérpretes do mundo. Com modo de cantar *sui generis*, Sinatra era dono de um temperamento notoriamente instável (conseguiu ser generoso e agressivo em instantes) que o caracterizaria como *Il Padrone*²⁵, ou o mestre. No perfil, Sinatra é descrito como o chefe, o homem de respeito a quem seus parentes sicilianos chamam de *uomini rispettati* – homens de respeito:

(...) homens que são ao mesmo tempo grandiosos e humildes, homens amados por todos e generosos por natureza, homens cujas mãos são beijadas quando vão de aldeia em aldeia, homens que sairiam pessoalmente de seu caminho para consertar alguma coisa errada. (TALESE, 1966, p. 4)

Na compreensão de Talese, Frank Sinatra era um homem de autoridade e carisma fora do comum. Essas características, mais uma vez, dialogam com o cantor Roberto Carlos, o nosso Frank Sinatra. Numa esfera mínima de comparação, Sinatra tem um *dress code* que segue à risca: sempre paletó e gravata (italianos de preferência); Roberto, desde o início de sua fase romântica, só usa tons de azul e branco. Ambos têm suas gangues ou a corte que lhes assegura o show. Assessores, produtores, empresários, secretários, amigos e advogados caminham juntos para evitar que nada saia do planejado. Sinatra tinha Jim Mahoney; Roberto tinha Kássu. Sinatra teve Juliet Prowse, Mía Farrow, Ava Gardner dentre outras; Roberto teve Myriam Rios, Maria Rita, Sonia Braga.

Os casos demonstram as dificuldades de capturar as nuances, ambiguidades e particularidades de artistas tão lendários. São casos claros em que o escritor tenta relacionar-se com a fonte para tentar desvendar as origens de sua autoridade carismática²⁶. Trata-se de personagens símbolos que despertam profundo interesse no público que os ouve e os vê sobre o palco. Quando sobem no palco, são intérpretes de músicas e também de suas épocas levando

²⁵ No perfil escrito por Gay Talese, Sinatra era descrito como *Il Padrone* (O ‘pai’, ou o ‘padrinho’ em italiano).

²⁶ Conceito de autoridade carismática de Max Weber vem da percepção de características pessoais dos indivíduos. “Baseia-se na atribuição social de características ou capacidades extraordinárias a uma pessoa. Nota-se que a autoridade fundamenta-se não nas próprias características por aqueles que reconhecem a autoridade como legítima. Essa distinção é de importância crucial, pois destaca o fato de que a autoridade carismática é socialmente concedida e pode ser retirada, se o líder deixar de ser considerada pessoa extraordinária” (JOHNSON, 1995, p. 24).

o público a acessar suas recordações através da experiência artística proporcionada por aqueles no palco; personificam figuras presentes no coletivo: Sinatra era o “macho plenamente emancipado (...), o homem que pode fazer tudo o que desejar” (Idem, p. 1), à medida que Roberto surge como *bad boy* rebelde (não tão rebelde assim) e galã. Nesse aspecto, os dois artistas são célebres figuras totêmicas a quem os mortais podem apenas admirar.

No livro *Breve história da celebridade* (2010), o historiador inglês Fred Inglis disserta sobre o conceito de celebridade e como essas figuras influenciaram (e influenciam) o comportamento social da coletividade. O autor analisa as origens do interesse do indivíduo comum em relação às celebridades e como essa relação se define através de um processo histórico-social:

(...) os astros e estrelas têm olhado o público lá embaixo com ares superiores, tornando mais claro a graça da fantasia irrealizável, um alívio por fugir das próprias vidas, um vislumbre de possibilidade de um futuro melhor, de uma casa decente ou de um mundo mais justo. (INGLIS, 2010, p.22)

Vale lembrar que, sociologicamente, não são Roberto Carlos ou Frank Sinatra que emanam carisma e, sim, o contrário. Como simplifica o sociólogo americano Allan G. Johnson sobre o conceito weberiano, o carisma “está inteiramente nos olhos de quem o vê e é da atribuição coletiva dessas características a alguém que depende da autoridade carismática” (JOHNSON, 1995, p. 24) Há, inegavelmente, características nos cantores que os diferem dos demais: grandiosidade, talento e, sem dúvida, muito carisma (seja do ponto de vista sociológico ou da psicologia analítica junguiana²⁷) são fatores insuperáveis dos artistas em questão.

Nesse sentido exposto por Inglis, Talese humaniza Frank Sinatra com uma patologia banal, assim como Araújo torna Roberto Carlos tão normal quanto qualquer um de seus súditos. Sinatra, como qualquer pessoa, adoeceu e se indispsôs com um resfriado. Roberto Carlos sofre de TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo) e, como sintoma, vive cheio de manias. A ênfase nesse tipo de dado na representação de ídolos termina por desmistificar a aura criada pelo carisma, talento e fama.

O trabalho do biógrafo nunca esteve tão em voga – principalmente os biógrafos de celebridades do entretenimento – e está cada vez mais em evidência porque concentra a

²⁷ Na psicologia analítica junguiana, o carisma não é uma habilidade inata, mas todos podem cultivá-lo e desenvolvê-lo, e isso é uma responsabilidade individual.

essencial função de narrar a vida dos célebres. Como afirma Inglis, “a narrativa das nossas celebridades é apresentada aqui como a principal narrativa de nossa época, preparada desde o alvorecer da modernidade, chegada agora não a sua conclusão, mas ao nosso tipo de apoteose” (INGLIS, 2010, p. 45). Araújo e seus colegas biógrafos têm, portanto, a difícil missão de justificar os ídolos, explicar estrelatos, decifrar enigmas de vidas pessoais que possam ter influenciado na ascensão ao estrelato, identificar os altos e, principalmente, os baixos da história de uma figura pública. Na análise do historiador inglês, as celebridades são como uma tela sobre a qual os “meros mortais” projetam dúvidas, aspirações e aflições. Em diálogo:

É isso que procuramos quando compramos uma biografia e lemos sobre as intimidades secretas das pessoas famosas, sua sorte, seus erros, suas fofocas. Não para trazê-las para o nosso nível, mas sim elevar o nosso, tornando nosso mundo menos impossível graças à familiaridade com o delas. (HILLMAN *apud* VILAS BOAS, 2002, p. 39)

Através do livro *Roberto Carlos em detalhes*, o biógrafo expôs a história de vida de um ídolo inalcançável e proclamado rei do Brasil para o homem que, como todos nós, é resultado de circunstâncias e acasos. Mais uma vez, nota-se que a função célebre de Roberto Carlos foi a de ser o rosto, a voz, a personalidade de gerações. Aproveito essa inflexão para afirmar que a captura que Araújo fez da vida e obra de Roberto Carlos tem a mesma essência que o trabalho de Talese. Apesar das narrativas não apresentarem características formais comuns, uma plataforma comum é a abordagem dos escritores quanto aos temas que se propuseram a escrever e a devoção que enxergaram em cada mínima partícula de vida, uma peça importante para a narração do perfilado ou biografado.

A originalidade de ambos os trabalhos (em cada proporção) reside na maneira sobre como foram tratadas as particularidades, na forma como os autores enxergaram detalhes que atuariam como “ganchos” para inúmeras narrativas que ajudam a compor os personagens e suas vidas. A dificuldade de estabelecer uma relação direta com o personagem central de seu livro instigou os autores a buscar novas construções narrativas. Capturar os ambientes, os cheiros, as roupas, os sons, as pessoas, as falas; tudo é ferramenta de construção da atmosfera que envolve a fonte principal.

Para ilustrar que o comportamento leal e prestativo de Sinatra pode explodir em fúria e intolerância, Talese conta o episódio em que o cantor americano joga um frasco de ketchup (Sinatra detestava) em um de seus amigos que lhe trouxe um cachorro-quente que fez o cantor

“explodir numa terrível fúria de intolerância se algum de seus chapas cometer algum pequeno deslize no cumprimento de alguma tarefa” (TALESE, 1966, p. 4).

Com mesmo efeito, quando Araújo narra o fato de que a maneira como Roberto Carlos segura o pedestal do microfone de forma tão característica, surgiu, na verdade, de uma foto tirada em seu show pela fotógrafa Thereza Eugenia. O momento foi capturado quando, na estreia do Canecão, Roberto cristaliza a figura do seu microfone de haste dobrável que se adequa a seus movimentos no palco. Na narrativa de Araújo, a imagem de Roberto Carlos com seu microfone “tornou-se uma marca do artista, um logotipo, como a língua de Mick Jagger”.

São as minúcias, particularidades, as distinções que interessam ao biógrafo – não o lugar comum, o generalizado. Quando não tem as facilidades de acesso de uma biografia autorizada, ou que possa conversar com seu biografado (que, além de vivo, deve estar disposto a falar), o biógrafo tem que se esforçar para chegar aos lugares vetados à sua figura de repórter invasor.

Sob esse ponto de vista, ele cava suas histórias, confirma-as com inúmeras fontes, e observa furtivamente – mesmo de longe ou de onde der. Nesse aspecto – e vale mais uma vez reafirmar a hipótese de pesquisa – o brilhantismo da biografia *Roberto Carlos em detalhes* está no fato de que Paulo Cesar de Araújo nunca terminou de pesquisá-la e escrevê-la, assim como Talese nunca cessou em tentar entender o carisma emanado pelo seu personagem resfriado, mesmo depois de publicado o perfil mais famoso do mundo. Biógrafo e biografado se transformam durante todo o fazer biográfico e para além dele.

3. O rei e o réu

*Meu bem/ sua incompreensão já é demais/ nunca vi alguém tão incapaz/ de
compreender/ que o meu amor é bem maior que tudo/ que existe/ mas sua estupidez não lhe
deixa ver/ que eu te amo*

Sua estupidez
Roberto Carlos (1969)

“*Leia se tiver estômago*”, aconselhou Andre Barcinski em texto publicado em seu blog²⁸ sobre o conteúdo do livro *O réu e o rei: minha história com Roberto Carlos, em detalhes*. O cineasta e escritor adverte para o livro mais recente de Paulo Cesar de Araújo, em que o autor detalha as muitas emoções que viveu como biógrafo do rei. O autor constrói um ensaio que decompõe cada aspecto do que viveu desde que decidiu tornar-se o biógrafo de Roberto Carlos – desde seu primeiro contato com a música do rei durante a infância até o enfrentamento judicial com o ídolo.

Em detalhes, Araújo entrega a *sua* versão do que aconteceu em um relato que passeia pelo caminhos da autobiografia e da reportagem. Como bem observa Barcinski, ler *O réu e o rei* “é como ler o relato de um acidente aéreo: você sabe que termina em tragédia, mas fica angustiado ao conhecer os detalhes”. Realmente é como ler um livro sobre a tragédia do Titanic ou sobre a Segunda Guerra Mundial. Observar a narrativa do autor sobre o processo inicial da pesquisa, as entrevistas, as curiosidades de uma vida dedicada a narrar a vida de outra pessoa. Até metade do livro, Araújo descreve o seu desafio biográfico ponto a ponto: 1) a decisão do seu objeto de pesquisa; 2) metodologia a ser utilizada; 3) captação de fontes orais e escritas²⁹; 4) Os processos textuais e editoriais.

O esclarecimento desses pontos é um preâmbulo para o Segundo Ato da tragédia que terminaria com a queima de livros (ou melhor, reciclagem. Os advogados do rei sugeriram a reciclagem das toneladas de papel apreendido como uma solução mais ecológica. Ainda

²⁸ Texto publicado em 3 de junho de 2014 no blog André Barcinski. Disponível em:

(<http://entretenimento.r7.com/blogs/andre-barcinski/o-reu-e-o-rei-leia-se-tiver-estomago-20140603/>).

²⁹ Aqui, será abordada a categorização de fonte elaborada por Sergio Vilas Boas, as fontes primárias são aquelas gravadas ou impressas que não dependem da memória humana como os documentos (oficiais ou não), diários, cartas, memórias, fitas, jornais e revistas. As fontes secundárias são, para o autor, aquelas que dependem do “exercício da lembrança” como as entrevistas feitas pelo biógrafo (2002, p. 55).

assim, Roberto Carlos alegou que não sabia o que faria com os livros, mas, com certeza, não os queimaria. Ufa!). Apesar da envolvente narrativa desse Primeiro Ato, a curiosidade maior era em qual daquelas 474 páginas o autor explicaria o momento em que as coisas começaram a desandar. O momento em que Roberto Carlos processa Araújo, protagonizando uma das batalhas judiciais mais controversas do show business; o momento em que rei e súdito se encontrariam para decidir qual seria o destino da biografia proibida. Questionei-me até se a admiração ao ídolo permanecia a mesma, se a devoção ao objeto de pesquisa ainda existia. O final já é conhecido mas, como lembra o provérbio, “o diabo está nos detalhes”.

Nesse “exorcismo” que Araújo se propõe a fazer nos detalhes, é que constatamos que o caso entre o biógrafo e o rei é muito mais profundo (e injusto) do que já aparenta ser. Todas essas questões foram prontamente respondidas no texto que representa um auto de defesa para Araújo, uma defesa tardia e, ainda assim, muito contundente. O réu e o rei, assim, constitui um relato confessional em que Araújo advoga em defesa de si mesmo e de sua causa – da maneira que não foi defendido pelos advogados da editora Planeta na época do acordo que embargou *Roberto Carlos em detalhes*.

3.1 Roberto, o Censor

O lançamento de *Roberto Carlos em detalhes* se aproximava e Paulo Cesar de Araújo já esperava a reação do rei ao livro. Araújo conta que o escritor Ruy Castro e o publicitário Washington Olivetto expressaram opiniões opostas em relação ao livro. Em meados de 2006, nos últimos momentos que dedicou ao texto do livro, Araújo pediu uma entrevista a Ruy Castro³⁰. De biógrafo para biógrafo, Ruy Castro aconselhou Araújo a “deixar Roberto Carlos pra lá. (...) Ele vai te meter um processo nas costas, e seu trabalho vai ser confundido com essas publicações de fofocas. Você fez um livro importante, o *Eu não sou cachorro, não*, pra que se queimar agora com Roberto Carlos? Saia fora disso!”³¹ Em tom profético, Castro tentava em vão dissuadir Araújo de lançar *Roberto Carlos em detalhes*. Olivetto, porém, leu o livro assim que saiu da gráfica e elogiou a iniciativa de Araújo. O publicitário gostou e inspirou alguma confiança no escritor. Era tudo ou nada para *Roberto Carlos em detalhes*.

³⁰Araújo queria uma entrevista com Ruy Castro para saber sobre o processo de Roberto Carlos movido contra o escritor em 1983. Na entrevista, Ruy Castro explicou que ainda não era muito conhecido na época e, para se precaver, adotou o pseudônimo Guido Macedo para assinar o perfil *O Roberto Carlos que ninguém conhece*, publicado na extinta revista *Status*. Ruy Castro e o editor executivo da revista, Fernando Pessoa Pereira, foram condenados a dois meses de prisão, acusados pelos crimes de injúria e difamação. Réus primários, eles cumpriram a pena em liberdade.

³¹ Ruy Castro em entrevista ao autor em 2006. *O réu e o rei*, 2014, p. 218.

A biografia finalmente foi lançada em dezembro de 2006 com grande repercussão entre fãs, críticos e intelectuais brasileiros. O dia D de Paulo Cesar Araújo estava próximo. Semanas depois do lançamento oficial, o biografado iria manifestar-se publicamente *contra* o livro. O rei não gostou do que não leu³² e, por isso, colocou seus cavalos de batalha em jogo: “Meus advogados estão estudando o caso e, com certeza, a gente vai cuidar disso dentro da forma da lei”. Essa reação de Roberto Carlos não era exatamente uma surpresa.

O comportamento controlador do artista é notório e, por muito menos, Roberto se envolveu em episódios que foram verdadeiros atentados contra a liberdade de expressão. Além da contenda com Ruy Castro, o cantor se mostrou favorável à censura do filme *Je Vous Salue, Marie*, de Jean-Luc Godard³³, em 1986. No campo editorial então, Araújo não foi o primeiro – e, pelo visto, não será o último – a ter uma obra censurada pelo cantor. Em 1979, conseguiu a proibição e apreensão de *O rei e eu*, escrito por seu ex-mordomo Nichollas Mariano. Roberto Carlos viu a proibição como uma “questão moral” (ARAÚJO, 2014, p.232) que foi solucionada com a incineração de mais de 130 mil exemplares. Depois disso, em 1993, Roberto Carlos conseguiu que a justiça suspendesse uma série de reportagens sobre sua vida produzidas pelo jornal *Notícias Populares*.

A ocorrência mais recente da “censura real” aconteceu em 2013, quando a historiadora Maíra Zimmermann publicou sua dissertação de mestrado sobre Jovem Guarda. Intitulado *Jovem Guarda: moda, música e juventude*, o livro foi publicado pela editora Estação das Letras e, com uma tiragem tímida de apenas mil exemplares. Quando o livro foi lançado, a autora enviou convites às personalidades abordadas no livro: Erasmo Carlos, Wanderléia e, é claro, Roberto Carlos. O último não só negou o convite como acionou sua fiel artilharia de advogados. “Segundo relato de *Veja* ao receber o convite Roberto Carlos perguntou a seu advogado (Marco Antônio Campos): ‘Nós liberamos?’ (Idem, p. 438).

Nós liberamos? Essa pergunta é, ironicamente, a resposta para a problemática relação do rei com a censura. O fato de o cantor naturalizar a censura que pratica em si mesmo e na sua carreira é sintoma de que, talvez, o cantor já tenha naturalizado a censura como uma

³² Na entrevista coletiva em que falou pela primeira vez sobre o assunto, Roberto admitiu que não leu o livro mas que seus advogados sim, e iriam tomar as medidas cabíveis.

³³ Roberto Carlos apoiou publicamente a medida censora implementada por meio da Divisão de Censura do Departamento de Polícia Federal, que proibia a exibição do filme francês. O cantor enviou uma carta ao então presidente José Sarney parabenizando a decisão do governo: “Cumprimento Vossa Excelência por impedir a exibição do filme *Je Vous Salue Marie*, que não é obra de arte ou expressão cultural que mereça a liberdade de atingir a tradição religiosa de nosso povo e o sentimento cristão da humanidade. Deus abençoe vossa Excelência. Roberto Carlos Braga”.

prática comum, normal. Ao participar do I Festival Internacional de Biografias realizado em Fortaleza no ano passado, Ruy Castro definiu o artista como um “censor nato”. Os hábitos censores do cantor em relação a esses episódios são reflexos de um comportamento censor que tem consigo mesmo.

O rei e seus advogados têm tamanha afinidade com a censura que absolutamente *qualquer* obra que citar a marca Roberto Carlos – mesmo que, superficialmente, como fez Maíra Zimmermann em seu livro sobre a Jovem Guarda – deve pedir sua benção. A justiça do Brasil, país que tem vínculos seculares com a prática da censura, acostumou Roberto Carlos à mania de proibir, de vetar e banir (sempre com respaldo legal).

De todas as manias do monarca musical, essa foi a mais nociva a Araújo. Mesmo assim, o autor coloca uma lupa sobre os episódios que pareciam ter se perdido no tempo, mas que voltaram à tona com o episódio mais recente de Roberto Carlos contra mais uma representação sua. O caso do livro de Maíra Zimmermann aumentou a lista de vetos de Roberto Carlos e as críticas foram, como sempre, intensas.

“Em reportagem na *Istoé*, a jornalista Eliane Lobato também diz que, com mais ‘demonstração de autoritarismo e desprezo pela liberdade de expressão’, o cantor faz jus ao apelido de ‘Roberto, mãos de tesoura’” (Ibidem, p. 440). Dessa vez, a reação da imprensa fez Roberto Carlos recuar de mais uma empreitada censora. Sua imagem se desgastou com a polêmica de seis anos atrás. O rei resolveu poupar Zimmerman e si mesmo concedendo uma autorização do uso de sua imagem à autora. A imagem desgastada pode explicar também o fato de Roberto Carlos decidir não tomar nenhuma medida judicial contra *O réu e o rei*³⁴. Em comunicado à imprensa, o advogado Marco Antônio Campos assinala as razões pelas quais o rei não brigaria na justiça pelo novo livro: a) o livro não ser uma biografia sua, mas uma autobiografia do autor; b) ao contrário do livro anterior, não conter invasão de sua privacidade e/ou injúrias ou difamações a sua pessoa.

Esse comportamento “elevado” do cantor no ano passado foi o oposto à sua conduta em relação à biografia feita por Paulo Cesar de Araújo. A animosidade com que tratou a

³⁴ Em comunicado para imprensa, o advogado Marco Antônio Campos atesta: “Com relação ao livro ‘O Réu e o Rei’, Roberto Carlos não vai tomar qualquer medida jurídica, em face de: a) o livro não ser uma biografia sua, mas uma autobiografia do autor; b) ao contrário do livro anterior, não conter invasão de sua privacidade e/ou injúrias ou difamações a sua pessoa. O livro 'Roberto Carlos em Detalhes' não foi censurado ou apreendido, mas saiu do mercado em face de um acordo judicial, irrevogável e definitivo, assinado espontaneamente pelo autor do livro, o editor e a Editora". Comunicado extraído de matéria do portal *GI*, do dia 30 de maio de 2014.

biografia foi surpreendente. A julgar pela reação de Roberto, Araújo cometera um delito imperdoável e digno das medidas judiciais que tomaria pouco tempo depois do lançamento da obra: o artista moveu dois processos contra Araújo (um na área cível e outra área criminal). Inicialmente, o cantor pedia a proibição e apreensão dos livros, o pagamento de multa diária no valor de 500 mil reais e a condenação do autor a uma pena de dois anos de prisão.

Antes da publicação de *O réu e o rei*, tentei juntar os episódios (que foram muitos) do drama que resultou no embargo da biografia através de tudo o que saiu na imprensa – o que configuraria este ensaio como uma análise da cobertura noticiosa do caso – mas, mesmo com a intensa divulgação midiática do episódio, as informações eram muito esparsas e fragmentadas. Com a repentina publicação do livro, consegui chegar aos pontos que me causaram curiosidade desde o início: sobre *como* as coisas começaram a desandar para o biógrafo do rei.

E não só isso; como Araújo contempla os aspectos desconhecidos (e arbitrários) da batalha judicial, mas também traça uma autobiografia que evidencia as intersecções de sua vida – desde a infância, a mudança para a cidade grande, os estudos que o levaram à faculdade, a pesquisa e o livro – com a obra de Roberto Carlos, como sugere o título.

3.2 O diabo está nos detalhes

*“Não adianta nem tentar me esquecer/ Durante muito tempo em sua vida eu vou viver/
Detalhes tão pequenos de nós dois/ São coisas muito grandes pra esquecer/ E a toda hora
vão estar presentes/ Você vai ver”*

Detalhes

Roberto Carlos e Erasmo Carlos (1971)

O diabo oculto dos detalhes do caso mostrou suas faces e garras no novo livro de Paulo Cesar de Araújo. O livro destrincha datas, circunstâncias, lugares, palavras, reações – tudo que antes pertencia apenas ao campo das dúvidas. Mesmo com a ampla cobertura do caso desde 2006, ainda restavam dúvidas sobre as razões que fizeram Roberto Carlos agir como agiu, suposições sobre *qual* parte da biografia especificamente teria ofendido o cantor. Como já dito, vários temas surgiram no debate público a partir da proibição da biografia não

autorizada do rei. A discussão das biografias não autorizadas nos âmbitos editorial, jurídico e legislativo gerou um festival de opiniões favoráveis e contrários à causa do cantor.

Muito foi falado, escrito e questionado no período entre 2006 e 2014. Sobravam controvérsias como a que Chico Buarque se envolveu com Araújo em 2013, ou a atuação do grupo Procure Saber na defesa de Roberto Carlos. Sobravam especulações nesse cenário em que todos pareciam brigar pelo papel do mocinho: de um lado, Paulo Cesar de Araújo representava os biógrafos na luta pela liberdade de expressão; do outro, Roberto Carlos e o Procure Saber reivindicavam o direito à privacidade. A causa dos dois grupos é nobre e, a princípio, todos pareciam ter razão. Araújo está certo em lutar pela liberação de sua obra e Roberto Carlos também tem o direito proteger sua intimidade. Mas de quem são os argumentos mais palatáveis?

Nesse aspecto, a publicação de *O réu e o rei* representou uma resposta – do ponto de vista do biógrafo – a todas essas questões que passaram sete anos em aberto. É uma autobiografia de Araújo e é também um manifesto de uma defesa tardia que demorou sete anos para ser feito. Assim, o biógrafo passou 15 anos pesquisando Roberto Carlos e mais sete escrevendo sobre os desdobramentos do caso. Com foco nas particularidades que, por alguma razão, permaneceram omitidas durante os anos. Realmente, os detalhes tão pequenos do caso eram coisas muito grandes para esquecer. Durante o processo, Araújo encontraria Roberto Carlos com muito mais frequência que nos 15 anos que tentou trocar palavras com o artista. Olharia nos olhos do rei e apertaria sua mão como fizera duas breves vezes. As circunstâncias, porém, seriam nada agradáveis.

Era evidente a raiva de Roberto Carlos ao exigir medidas tão drásticas como essas. A fúria do cantor foi traduzida nos autos da acusação que enfatizaram o caráter bisbilhoteiro da biografia, negando o caráter cultural e histórico do livro. Na queixa-crime, Araújo foi acusado de “se intrometer, indevida e destrutivamente, na vida alheia, uma invasão de intimidade e privacidade que, se não é física, certamente é moral. Por tudo isso, quer Roberto Carlos, como imperativo de justiça, que o réu responda perante o direito penal pelos fatos a seguir arrolados”.³⁵

Uma situação inimaginável para Araújo estava prestes a se cristalizar diante de seus olhos, em que o biógrafo se encontraria em um tribunal, medindo forças com Sua majestade,

³⁵ Trecho do texto extraído dos autos de acusação.

o “rei do Brasil”. Sobre essa experiência judicial, a escritora Janet Malcolm assinala no posfácio de *O jornalista e o assassino* (2011):

Ser processado por uma pessoa que habita as páginas de um livro que foi escrito pela gente não é, afinal de contas, a mesma coisa que ser processado por alguém que existe apenas na vida real. Conhece-se o adversário melhor do que se conhece a maioria das pessoas meramente reais – não só porque se teve oportunidade de estudá-lo com mais detalhe do que se estuda as pessoas sobre as quais não está se escrevendo, mas porque se investe nele muito se si mesmo. (MALCOLM, 2011, p. 145)

A autora relata então a sua própria experiência de quando foi processada por calúnia pelo psicanalista Jeffrey Masson, personagem de seu livro *In the Freud archives* (Nos arquivos de Freud). Malcolm foi inocentada das acusações de que teria atribuído citações falsas a Masson e, desde então, tem se empenhado em provocar debates na classe jornalística sobre a relação repórter e personagem – como fez em sua crônica da traição jornalística em *O jornalista e o assassino*. Ela invoca que o processo judicial movido pelo personagem (biografado) funciona como uma terapia que o auxilia a passar pela experiência de ter sido caluniado. A autora compara a experiência judicial entre as partes a uma espécie de tratamento em que “a cura legal nunca deixa de ser gratificante” (MALCOLM, 2011, p. 143).

Assim, Araújo seria colocado diante de um obstáculo maior que qualquer um que enfrentara para biografar o rei – e, inseparavelmente, de sua vida. Nos capítulos específicos sobre o processo o autor pormenoriza cada detalhe do caso, especifica e conceitua cada crime de que foi acusado³⁶ e insere vários trechos dos autos originais. É perceptível que o autor se apega a cada aspecto do caso como se em cada detalhe houvesse uma prova a seu favor, como se buscasse nas miudezas do processo algo que mudasse a sentença do livro condenado.

No livro, o biógrafo conta que Roberto Carlos se autoproclama um careta e que o cantor sempre descartou o uso de drogas. “Mais adiante, digo também que o universo da Jovem Guarda era marcado por uma combinação Sexo, garotas e rock’ n’ roll.” (ARAÚJO, 2014, p.252). Meses depois da proibição da biografia, Araújo descobriu uma fraude enquanto lia (mais uma vez) os autos do processo: a acusação cita a frase com a troca da palavra “garotas” por “drogas”.

³⁶ A queixa-crime aponta oito episódios que não deveriam estar ali e seis depoimentos considerados ofensivos a Roberto Carlos. “Ou seja, um total de catorze passagens do livro, o que representa menos de um por cento do volume total da obra. Dessas catorze passagens, seis são consideradas injuriosas a Roberto Carlos e oito, difamatórias”. Ibidem, p. 248.

Os advogados de Roberto Carlos alegaram que houve um erro de digitação. Quatro meses depois do início da disputa judicial, o biógrafo e os advogados da Editora Planeta se viram diante de uma negociação em que estavam perdendo. Os advogados discutiam o destino do livro enquanto barganhavam por um valor a ser pago a Roberto Carlos. Como último argumento, Araújo sugeriu o impensável a qualquer biógrafo: ele estaria disposto a revisar o texto e cortar os trechos que desagradaram o artista, além de abrir mão dos direitos autorais da biografia.

O cantor respondeu que até pensaria no caso, mas que preferia assinar pelo que já estava acordado na audiência. Diante da pressão da possibilidade de fechamento da editora, a causa estava perdida e os advogados de defesa finalmente cederam às vontades do rei: no dia 27 de abril de 2007 – o dia mais longo da vida de Araújo – o acordo foi estabelecido entre as partes e a biografia foi embargada.

3.3 Biografia da polêmica

*Você não sabe e nunca procurou saber/ que quando a gente ama pra valer/ Bom é ser
feliz e mais nada!*

Se você pensa
Roberto Carlos (1968)

O termo de conciliação significou “um termo de condenação ao livro *Roberto Carlos em detalhes*” (ARAÚJO, 2014, p.323). De fato, a audiência demorou cinco horas para decidir o que todos já sabiam: o rei venceria a ação contra seu biógrafo. O cantor exigiu não só a entrega dos 11 mil exemplares em estoque; queria que a editora recolhesse os demais exemplares que já haviam sido vendidos pelo Brasil. Absurda ou não, a determinação era clara: Roberto Carlos não queria apenas proibir a obra de circular. Ele queria todos os exemplares para si e depois decidiria o que fazer com as incômodas toneladas de pesquisa. As circunstâncias daquele acordo até hoje eram desconhecidas. Ao público, restava apenas a curiosidade em saber o que foi dito na sala 1-399 daquele Fórum Criminal.

Tempos depois Araújo tornaria público o fato de que o juiz Tércio Pires era cantor e compositor, e encerraria a audiência com uma sessão de fotos com Roberto Carlos. Vossa Excelência entregou um de seus CDs ao rei e pediu que escutasse e desse uma sincera

opinião. “Depois da distribuição dos CDs, começou a sessão de fotos (...) Depois de abraçar Roberto Carlos, o promotor chamou o juiz. ‘Oh, Tércio, venha aqui com a gente. Quando teremos outra oportunidade desta?’. O artista reforçou o pedido e então o magistrado saiu de sua mesa e foi se juntar ao promotor na pose ao lado de Roberto Carlos.”(Idem, pp. 318-319).

A cena final daquela audiência não poderia ser mais inadequada e representou o momento ápice de uma das maiores patacoadas contra a liberdade de expressão no Brasil nos anos 2000. O questionável resultado daquela audiência de conciliação representou um “tapinha nas costas” do biógrafo, para lembrá-lo de nunca confrontar um nome com tanto peso e poder como Roberto Carlos. Com a biografia banida, Roberto Carlos dormiria melhor à noite, ao contrário de Araújo, que desde aquele dia se dedicaria a lutar não só por sua pesquisa – que agora estava entulhada em um galpão de Santo André – mas pelo gênero biográfico no Brasil. Com o passar dos anos, a briga deixou de ser entre Roberto Carlos e Araújo; o debate foi dilatado e era agora uma questão de liberdade de expressão que influenciaria diretamente o trabalho de biógrafos e historiadores no futuro.

Além da imprensa, que em detalhes se manifestou contra a atitude de Roberto Carlos, Paulo Cesar de Araújo tinha o apoio da elite intelectual brasileira. Escritores, juristas, acadêmicos, políticos e representantes do mercado editorial começaram a se posicionar sobre a liberação das biografias não autorizadas (independentes).

Roberto Carlos também não estava só. Ele que sempre foi avesso a assinar seu nome em atos e manifestos, agora se associaria ao grupo Procure Saber – sob liderança da empresária Paula Lavigne. Se Araújo contava com o suporte da elite intelectual, Roberto Carlos agora entrava para o time de outra elite: a dos artistas. Nomes como Chico Buarque, Gilberto Gil, Djavan, Milton Nascimento e Caetano Veloso engrossaram a lista de artistas apoiadores da censura prévia às biografias não autorizadas. A militância desses artistas na causa confundiu a todos, afinal era difícil imaginar esses artistas lutando *contra* a livre produção intelectual no Brasil.

No início da atuação do grupo na causa biográfica, Paula Lavigne proferia discursos inflamados sobre como biógrafos procuravam legitimação para bisbilhotar a vida alheia e expor “os pedaços de vida que (...) são absolutamente privados”. A porta-voz do grupo vai além e atesta que a publicação de biografias “não serve aos nobres objetivos da instrução e do conhecimento e sim para alimentar uma das maiores fraquezas do ser humano: a fofoca. Detalhes picantes, dolorosos ou indiscretos da vida de alguém ‘vendem’ biografias” (Ibidem,

p. 445). No livro *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos* (1985), a pesquisadora literária Flora Süssekind faz um panorama da produção literária no Brasil durante a ditadura militar. A autora constata que, naquele período a produção literária reflete características opressoras do Estado autoritário e cita a preferência por parábolas ou narrativas de cunho biográfico como forma de identificar como a literatura reagiu à repressão. As opções estéticas do período, segundo Flora, se dividem em duas correntes: A corrente vitoriosa, como ela nomeia, pautada pelo referencial biográfico ou social e a corrente propriamente literária, composta de “textos mais tensos e capazes de trabalhar ficcionalmente com silêncios, cortes, risos nervosos” (SÜSSEKIND, 1985, p. 12)

Dito isso, é curioso imaginar que no auge da censura ditatorial a produção biográfica era considerada ‘vitoriosa’ diante da produção literária mais suscetível à ação da censura. Se a narrativa de cunho biográfico de *O que é isso, companheiro?*(1979) por exemplo, se livraram dos aparelhos censores do regime, o livro *Roberto Carlos em detalhes* não seria poupado pelos agentes da censura velada que se manifestou no Brasil nos últimos anos. Esta última baseia-se não nos valores morais do bom costume da direita reacionária e, sim, nas ideias da privacidade propagadas pela elite cultural e artística brasileira – grupo de onde menos se esperava esse tipo posicionamento.

Em *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade* (1999) Richard Sennet coloca em perspectiva a “personalização da política, a intimidade enquanto mestra da vida e o retraimento de uma cultura cosmopolita em micro comunidades bairristas.”. (BOTTON, 2010, p. 625). Sennet coloca em debate hipervalorização da intimidade em detrimento do debate público e empresta argumentos a este trabalho para debater justamente a invasão de privacidade sofrida por figuras públicas quando são biografadas. Assim, entendo que a posição de artistas e personalidades públicas em relação às biografias como uma extensão do que esse grupo sente contra o segmento específico da mídia que se alimenta, única e exclusivamente, da fofoca, dos segredos da vida privada.

Porém, é um equívoco comparar o trabalho biográfico e histórico, além de suas contribuições à intelectualidade, ao exercício leviano da fofoca. Quando Paula Lavigne afirma que a imprensa “está entrando em questões pessoais³⁷” e por isso exige autorização prévia das

³⁷ Em entrevista ao programa *Saia Justa* no canal GNT exibido em 15 de outubro de 2013, Paula Lavigne falou sobre o posicionamento do grupo Procure Saber em defesa da manutenção dos artigos 20 e 21 do Código Civil, concernentes ao direito à privacidade e da preservação da imagem.

biografias, a empresária demonstra confundir o trabalho dos dois segmentos: a imprensa periódica tem funções distintas da biografia (ver página 15).

Nota-se uma clara tentativa de desqualificar o trabalho do biógrafo, reduzindo-o a um gênero que atende somente à fofoca. A empresária trata também da questão de uso de imagem, direitos autorais e participação nos lucros – questões que, acredito eu, são as preponderantes na causa. O grupo Procure Saber alega que o artista biografado tem o direito de receber determinado valor sobre os lucros do trabalho do pesquisador, apenas pela utilização da imagem pública pesquisada.

Em litígio, o próprio cantor afirmou que Paulo Cesar de Araújo queria faturar com sua imagem e o livro *Roberto Carlos em detalhes* o impediria de lucrar (no futuro) com a autobiografia que planeja lançar (Roberto Carlos fala em lançar uma ‘autobiografia definitiva’ desde os anos 1980). O rei acredita que detém uma espécie de reserva de mercado em que ninguém pode lançar conteúdos sobre a ‘marca Roberto Carlos’ porque isso o impediria de ter lucros futuros. Esse posicionamento de Roberto Carlos e Paula Lavigne quanto à questões financeiras tornam implícitas preocupações que vão além da privacidade e o desejo de preservar a imagem do personagem. Segundo Araújo, é o que o jurista Gustavo Binimbojima chama de “monetização da história”. (ARAÚJO, 2014, p.411).

O discurso do respeito à privacidade em detrimento da liberdade de expressão pode até ter tido boas intenções, mas a reação às ideias do grupo foi negativa e suficiente para causar alvoroço na opinião pública. Além do caráter censor das propostas, o grupo foi criticado principalmente pelo passado histórico dos integrantes do grupo, outrora símbolos da luta contra a censura. A participação desastrosa da associação não conseguiu apoio nem da mídia nem dos fãs dos artistas filiados. Após desentendimentos internos, Roberto Carlos decidiu se desvincular do grupo, deixando para trás os artistas que o defenderam em seus absurdos. Caetano Veloso chegou a dizer que “tinha feito muito esforço para defender a parte que acho defensável de uma causa que me estranha. Peço perdão.”³⁸

A verdade é que a atuação do Procure Saber catalisou o debate da liberação das biografias na esfera do poder público. Em 2013, o debate chegou ao Supremo Tribunal Federal, em audiência pública convocada pela ministra Carmen Lúcia. Em maio de 2014,

³⁸ Artigo publicado no jornal *O Globo*, 10 de novembro de 2013.

apenas duas semanas antes do lançamento de *O réu e o rei*, o Projeto de Lei 93/2011³⁹ foi aprovado na Câmara dos Deputados e seguiu para votação no Senado Federal.

4. Biógrafo e biografado

*Como vai você?/ Eu preciso saber da sua vida/ Peça a alguém pra me contar sobre o seu dia/
Anoiteceu e eu preciso só saber/ Como vai você?/ Que já modificou a minha vida/ Razão de
minha paz já esquecida /Nem sei se gosto mais de mim ou de você*

Como vai você
Antônio Marcos e Mário Marcos (1972)

“A minha história é um patrimônio meu!”⁴⁰, bradou Roberto Carlos como se falasse algo óbvio e indiscutível, como se não entendesse o porquê de tanto debate sobre algo que, na sua visão, é tão particular. Ao reivindicar sua história para si como se fosse uma propriedade sua, Roberto Carlos, ele não reclama por pontos específicos de sua biografia, mas por ela em totalidade. A intransigência do rei pode revelar certo temor em ser representado com uma versão de si que não aprova. É o retrato feito pelo outro que o assusta. Em entrevista ao *Fantástico* exibida em outubro de 2013, o cantor diz que acha complexo falar de si mesmo. E é, Roberto. Não é fácil mas, na posição de “rei do Brasil”, deveria estar mais acostumado ao fato de que ele seria, sim, retratado, representado, analisado – fosse pela revista *Caras* ou por algum trabalho acadêmico.

Araújo vê nisso um possível temor dos livros ao perceber que “o artista tem revelado total falta de traquejo para encarar esse objeto simples, encantador e fundamental para o homem que é o livro” (ARAÚJO, 2014, p.444). A censura então pode ser entendida como uma defesa ao fato de que ele é história e faz parte da história cultural do povo brasileiro durante os últimos 50 anos. O que o artista parece ignorar é que, em detrimento à supervalorização da vida privada, existe um processo histórico.

³⁹ Em 2011, dois projetos de lei foram apresentados na Câmara dos Deputados. Os projetos dos deputados Newton Lima (PT-SP) e Manuela D'Ávila (PC do B-RS) acabam com a proibição às biografias não autorizadas, permitindo acesso irrestrito a informações biográficas de figuras públicas. No texto de apresentação do projeto lê-se: “A proposta de lei modifica o artigo 20 do Código Civil, alterando o parágrafo único para parágrafo 1º e incluindo o parágrafo 2º, para garantir a liberdade de expressão, informação e o acesso à cultura na hipótese de divulgação de informações biográficas de pessoa de notoriedade pública ou cujos atos sejam de interesse da coletividade.”

⁴⁰ Roberto Carlos em entrevista quando perguntado pelo jornalista Jotabê Medeiros (*Folha de S. Paulo*) sobre a biografia não autorizada.

O historiador francês Jacques Le Goff (1924 -2014) em sua biografia de São Luis (1673 – 1716), afirma que o indivíduo “se constrói a si mesmo e constrói sua época tanto quanto é construído por ela. E essa construção é feita de acasos, hesitações, escolhas” (LE GOFF, 1999, p. 23). Nesse aspecto, Le Goff admite a humanização da história e evidencia que os episódios históricos estão sujeitos a fatores subjetivos correspondentes ao *pathos* humano. O processo de escrever uma vida pode ser analisado como correspondente à narrativa histórica de determinado período; o que muda é a definição do escopo que, no caso das biografias, foca-se no humano. O humano é, nesse aspecto, a matéria prima principal do fazer biográfico.

Toda essa reflexão provoca o raciocínio de que não é o livro que incomoda Roberto Carlos. É ele que incomoda a si mesmo. O artista sempre presenteou a imprensa com doses satisfatórias de intimidade suficientes para garantir a audiência, a venda de revistas e, por que não, de seus discos. Roberto Carlos foi um dos primeiros artistas brasileiros a entender que sua intimidade vende. Ele nunca privou o Brasil de conhecer a sua vida pessoal, com esposas, carros e luxos. Desde que se tornou ‘O Roberto Carlos’ nos anos 1960 temos acessado livremente cada aspecto de sua biografia através da mídia. E o artista não se empenhou, necessariamente, em preservar a vida privada como fazem artistas como o próprio João Gilberto e, num exemplo menos radical, Chico Buarque. E não só estes como outros artistas contemporâneos a Roberto Carlos e de igual dimensão pública são muito mais reservados do que o rei diz ser.

Sobre a relação do cantor com a mídia, Paulo Cesar de Araújo faz questão de frisar os contratos que Roberto Carlos velava com revistas semanais como a *Manchete* e *Fatos & Fotos*, ambas da Bloch Editores. Além de revistas, Roberto Carlos também firmou parcerias com a TV Record (até o fim da década de 1960) e posteriormente com a TV Globo, emissora que detém o direito de imagem de Roberto Carlos há mais de 40 anos. A figura de Roberto Carlos sempre esteve presente na mídia brasileira abordando questões de vida, amor, sexo e, por último, música. É curioso que o rei tenha se incomodado em ver escritas nas páginas da biografia de Araújo, as mesmas histórias que ele voluntariamente contou para imprensa na época em que aconteceram.

O problema foi que o cantor nunca havia sido objeto de escrutínio do historiador que analisaria sua vida e obra sob o olhar engendrado característico de um acadêmico. Roberto Carlos estaria, pela primeira vez, frente à sua representação histórica – o que, compreensivelmente, pode ter afligido o artista. Paulo Cesar de Araújo, sem permissão do rei,

formalizou a vida do rei na história do Brasil. Agora, inevitavelmente, Roberto Carlos se confirmava como personagem tão histórico quanto um presidente ou um líder político. Aliás, Araújo o compara a um símbolo nacional como o carnaval ou o bumba meu boi para reafirmar a importância da participação histórica do seu objeto de estudo no imaginário coletivo dos brasileiros. A percepção do ídolo popular como um dos protagonistas da história da música brasileira é uma resposta à postura indiferente da elite intelectual quanto à obra de Roberto Carlos. Mas, segundo o autor, Roberto Carlos não enxerga essa indiferença como desprezo e si, como respeito. “Ele tomou isso como respeito. E eu que fui respeitoso, ele tomou como abusado. Então ele confundiu desprezo com respeito, e respeito com abuso”⁴¹.

Um pesquisador que de maneira tão profunda e analítica se propôs a inserir o rei no ambiente acadêmico (lugar em que nunca foi bem-vindo). Como possível explicação, Araújo afirma que “o livro também sempre foi um objeto estranho a Roberto Carlos”⁴². Como boa parte da população brasileira, o rei também não incluiu a leitura como hábito e prefere passar o tempo assistindo TV ou tocando violão. É evidente que nenhum biógrafo – a não ser ele mesmo ou escolhido por ele, como foi o jornalista Okky de Souza – poderia narrar a sua trajetória como ele gostaria em uma biografia autorizada. O próprio termo “biografia autorizada” já carrega relação de permissividade e subordinação.

Como mencionado anteriormente, a simples alteração de nomenclatura pode aclarar questões ainda nebulosas no âmbito judicial: de que as biografias são livros históricos que *não* precisam da autorização das personagens biografadas para serem escritos. O livro reafirma o que este trabalho sugere: a relação biógrafo e biografado é insuperável e gera ecos na história de vida e outro, de maneira indissociável. Sendo o gênero biográfico “refratário, que não cessa de se questionar”⁴³, o elo firmado entre o biógrafo e seu personagem é também fonte de questionamento. Essa dubiedade é aqui tratada como uma confirmação de que as vidas se modificam simultânea e involuntariamente.

A confirmação disso? Ora, se todo biógrafo lançasse um livro narrando os percalços de uma biografia essa hipótese ficaria evidente. Como exemplificado no tópico **1.3.2**, o livro

⁴¹ Em entrevista ao programa Roda Viva, exibido em 28 de outubro de 2013, Paulo Cesar de Araújo fala sobre certo desprezo da elite cultural brasileira (e da academia) em tratar da obra de Roberto Carlos. Segundo o autor, Roberto Carlos teria confundido o “desprezo” das elites intelectuais com respeito à sua obra – e, a biografia seria, para o rei, um sinal de abuso do biógrafo.

⁴² *O réu e o rei*, 2014, p. 443.

⁴³ HOLMES, Richard, *Biography: Inventing the Truth*, in John Batchelor (org.), *The Art of Literary Biography*, Oxford, Clarendon, 1996, p. 67. In: DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida* – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

Ho-ba-la-lá de Marc Fischer cumpre função análoga ao que narrativa de *O réu e o rei* propõe. Fica clara – como foi nos dois casos – a transposição de uma vida em função da outra, os paralelos aparecem e, imediatamente, torna-se perceptível a participação da subjetividade do biógrafo. Essa relação é acentuada pelo fato de, no caso de Paulo Cesar de Araújo, seu biografado ainda estar vivo – ou seja, seu trabalho continua. No episódio em análise, isso é tensionado no momento em que as vidas, antes em paralelo, agora se cruzam através de uma batalha judicial.

Ao biografar Roberto Carlos, Paulo Cesar de Araújo construiu grande parte de sua própria biografia de modo que a vida de um estará sempre ligada à do outro. Como Araújo recorda, ele começou a pesquisa como estudante, solteiro e a terminou casado, com duas filhas. Por assim dizer, a vida de Paulo Cesar de Araújo divide-se em duas: antes e depois de se tornar o biógrafo de Roberto Carlos. Agora, o rei impreterivelmente faz parte da biografia de Araújo que, como a de todos nós, permanece em criação e transformação. Em diálogo, Vilas Boas afirma que a “narrativa do biografado reflete elementos da vida do biógrafo também, embora esses elementos nunca sejam nos explicitados” (VILAS BOAS, 2008, p. 180). O autor afirma que, como a História, a biografia é uma resposta provisória cuja escrita depende das impressões, a formação, os valores e a história do biógrafo.

O fato de existir um livro com a função de biografar a polêmica em que Araújo se envolveu é a confirmação de que uma biografia não se conclui e que tem percalços eternos – ou que dura pelo menos o tempo de uma vida. Mas não só isso; o processo biográfico não se finda com as pesquisas, com a construção do texto, tampouco com a publicação. Como prevê Dosse, o desafio do biógrafo permanece e nunca consegue se livrar de seu objeto biográfico:

O trabalho do biógrafo é muitas vezes identificado ao labor beneditino, a tal ponto o biógrafo precisa consagrar sua própria vida a esclarecer a vida de um estranho, ao preço de sacrifícios pessoais que transformam sua escolha em sacerdócio. O biógrafo sabe que jamais concluirá sua obra, não importa o número de fontes que consiga exumar. (DOSSE, 2009, p. 13-14)

O escritor Marcel Schwob (1867 – 1905) professava a biografia dos detalhes. Para ele, a arte do biógrafo é feita através da individualização dos personagens com ínfimas particularidades que influenciam no resultado biográfico. “O livro que descrevesse um homem em todas as suas anomalias seria uma obra de arte (...). As ideias dos grandes homens são patrimônio comum da humanidade: cada um deles só possuiu realmente suas bizarrias” (SCHWOB, 1997, p. 13). Segundo o autor, a verdade não importa ao biógrafo; importa a

criação de traços humanos, rabiscos que aproximem o biografado da vida real. “Infelizmente, os biógrafos quase sempre se julgaram historiadores. Com isso, nos privaram de retratos admiráveis” (Idem, p.18). Se Schwob fosse o autor de *Roberto Carlos em detalhes*, sem dúvida, entraria nos menores detalhes da vida do biografado passando por sua perna mecânica até a forma como o rei penteia os cabelos. Será que o rei se irritaria e proibiria Schwob de vender seus livros?

A divagação fica suspensa mas evidencia os atrasos na compreensão geral de qual é a função de uma biografia. Já no século XX, autores como Schwob e Virginia Woolf defendiam a biografia como gênero literário de compromissos muitos mais artísticos que propriamente científicos. Descrente e ignorante ao fato de que uma biografia não é elogio e sim difamação, Roberto Carlos decidiu entrar na Justiça em favor de seu privacidade quando, na verdade, abriu processo judicial pela privatização da existência. No fim, a visão patrimonialista de Roberto Carlos sobre a vida influenciou diretamente no conhecimento da história musical brasileira dos últimos 50 anos.

Até agora, os argumentos de Roberto e sua corte de magistrados (são quase 20) saíram na frente, e conseguiram banir um livro da livre circulação. Aprovado na Câmara dos Deputados no dia 6 de maio de 2014, o projeto de Lei das Biografias e a publicação de seu novo livro, Paulo Cesar Araújo marcou pontos para o time da liberação das biografias. Brincadeiras à parte, mesmo com o encaminhamento da questão a um aparente final feliz para os biógrafos, ainda é difícil responder a essas e outras questões problemáticas sem entender, por exemplo, conceitos-chave para elucidação desse problema. O desafio biográfico de Paulo Cesar de Araújo foi perceber que o trabalho era possível e relevante para a história do Brasil, mesmo tendo esbarrado com o preconceito acadêmico e com a intolerância do biografado.

É inevitável abordar os diferentes aspectos da relação entre biógrafo e biografado sem entrar no campo de discussões filosóficas e literárias que envolvem o tema. Em aspectos formativos, Araújo entrega um trabalho biográfico louvável que deixa escapar – se é que deixa – pouquíssimos detalhes da trajetória do rei. Porém, mesmo com as melhores intenções do biógrafo, por mais fidedigna e obsessiva que tenha sido a apuração do texto de Araújo, *Roberto Carlos em detalhes* não deixa de ser uma tentativa de elaborar a cartografia de uma vida⁴⁴, uma ilusão de biografar uma pessoa. O que precisa ser levado em consideração é, na

⁴⁴A jornalista e pesquisadora Cremilda Medina fala em ‘cartografias humana’ para discutir a questão biográfica e o fato de que “seres e entornos não se mapeiam” (VILAS BOAS, 2006, p. 160) De acordo

verdade, o caráter fluido e mutante da biografia, publicada sempre como uma criação incompleta, semi pronta:

A biografia que se atinge e se publica é algo incidental como qualquer outra coisa estudada pelas ciências, ou como qualquer matéria jornalística publicada em periódicos. Não há nenhuma ‘pessoa realmente real’ por trás de um texto biográfico. O biografado existe em um “sistema de discurso”. Mas um dos postulados da (meta) biografia (...) é o de que há uma pessoa lá fora (fora da biografia convencional) que viveu uma vida interior e exterior, e essa vida precisa ser escrita simplesmente porque é vida e é obra, simultaneamente. (VILAS BOAS, 2008, p. 164).

Com essa reflexão, pode-se dizer que Roberto Carlos tomou atitude tão drástica e permanente porque julgou que a biografia seria definitiva e que o conteúdo do livro fosse capaz de selar eternamente uma representação sua diante dos fãs. O rei se enganou e assim como ele, possíveis biografados acreditam que livros poderiam dizer engessar (por assim dizer) verdades únicas e imutáveis sobre suas vidas e obras. O fato é que a verdade absoluta é que representa a ilusão biográfica denunciada por Bourdieu.

Mas o ‘véu da verdade’ apontado por Vilas Boas de forma alguma consegue encobrir todos os aspectos da vida do biografado, o que nos distancia da ideia de biografia definitiva. Por engano ou ingenuidade acerca do complexo universo das biografias, Roberto Carlos sentiu que teve a privacidade desrespeitada e a vida usurpada nas páginas de *Roberto Carlos em detalhes*. Paulo Cesar de Araújo narra o momento em que o artista confronta seu biógrafo e clama por uma suposta “traição” do biógrafo:

(...) o cantor ficou de pé e, como se quisesse encerrar o assunto, falou com o dedo apontado para mim: “Paulo Cesar, você me conhecendo como você me conhece, você sabia que ia me magoar com este livro”. (...) Respondi com toda a sinceridade: “Roberto, juro que jamais imaginei que esse livro fosse lhe magoar e até peço desculpas se isso aconteceu. O que eu sabia, admito, é que alguns trechos dele pudessem lhe incomodar”. O cantor retrucou imediatamente: “Pois então, mesmo sabendo que ia me incomodar você escreveu este livro”. (ARAÚJO, 2014, p. 301).

É possível aferir que os argumentos do cantor encontram ecos na justificativa de MacDonald no processo contra McGinniss. Em conversa com Janet Malcolm, McDonald defende-se com argumento análogo ao do rei, que o faria ganhar a causa contra o jornalista e escritor de *Fatal Vision* (1983). “Ele arrancou as coisas de mim, depois transformou-as no livro dele e disse, ‘eis aqui um ser humano emperdenido, superficial, chauvinista e maldoso

com a autora, “não está em jogo a razão ou a irracionalidade. Emerge uma esfera que transcende a dicotomia racional/irracional (...) Quando se constrói um personagem ou uma história de vida, as fronteiras do real e do imaginário se diluem”. (MEDINA, 2003, p. 132)

falando sobre a mulher que ele afirma amar'. Mas aquele não sou eu. Não é meu estilo de vida.” (MALCOLM, 2011, p. 121).

O que Roberto Carlos e MacDonald reivindicam é a apropriação (dos autores) de aspectos de suas vidas na composição de representações que eles não concordam. Com a publicação dos livros, os escritores Araújo e McGinniss, teriam tomado posse das histórias de seus respectivos temas. A pessoa real por trás dos textos de McGinniss e Araújo, na visão dos personagens representados, não correspondem à pessoa fora do livro. No início de *O jornalista e o assassino*, Malcolm faz acusações aos escritores no que, Otávio Frias Filho chama de “juízo drástico” (MALCOLM, 2011, p. 164).

A catástrofe, para aquele que é tema do escrito, não é uma simples questão de um retrato pouco lisonjeiro, ou de uma apresentação errônea das suas opiniões; o que dói, o que envenena e algumas vezes o leva a extremas de desejo de vingança, é o engano de que foi vítima. (*Ibidem*, p.1)

Para Malcolm, é estabelecida “uma relação de poder em que a fonte é invariavelmente prejudicada” (Idem, p. 160) em que sempre prevalece a versão do escritor como palavra final. Nesse ponto, os argumentos de Roberto Carlos e MacDonald se fortalecem à medida que, como personagens representados nos livros, temem a versão final escolhida e editada pelos respectivos autores. O próprio Roberto Carlos já afirmou o temor por uma representação biográfica: “Livro é diferente, livro é um documento, é algo que fica pra sempre” (ARAÚJO, 2014, p.302).

Fosse para expiar os pecados de um trabalho anterior, para polemizar o trabalho autoral ou simplesmente debater as polêmicas da narrativa não-ficcional, Malcolm obtém êxito ao problematizar a imprecisão da verdade e seus detentores. A autora persiste na ideia de que, apesar de suas boas intenções, o “biógrafo fracassará porque linguagem é representação e, como tal, nenhuma vida conseguirá ser reproduzida num livro”. (LUCENA, 2013, p.75) Guardadas as particularidades dos casos, a derrota de McGinniss e Araújo na justiça representam a existência o ambiente desfavorável aos biógrafos, jornalistas e escritores. Os direitos da personalidade tornam-se preponderantes sobre as muitas questões filosóficas, literárias e éticas que envolvem o processo da escrita. Me parece que, em um contexto atual, os direitos do autor ficam sobrepostos pelos direitos da personagem, o que propicia sentenças como a vivida por Paulo Cesar de Araújo.

O baiano conquistense iniciou sua paixão pela música brasileira embalado pelos sucessos de um estreado Roberto Carlos durante a década de 1970. O menino cresceu,

mudou-se para a capital, estudou e tornou-se biógrafo indesejado do rei. Araújo alegou que, quando começou sua pesquisa sobre a vida do cantor, era apenas um estudante de comunicação, solteiro, que ligava para suas fontes de orelhão em orelhão. Hoje, casado e pai de duas filhas, o biógrafo parece ter sua trajetória contada em capítulos que viveu com o rei. A biografia de Paulo Cesar de Araújo é repleta de episódios, todos dominadas por Roberto Carlos.

“O ano em que nasci, 1962, é por coincidência também o marco zero do sucesso de Roberto Carlos” (ARAÚJO, 2014, p.22), afirma Araújo inaugurando uma vida que seria vivida pelo artista. Quando o autor comprou seu primeiro LP, o rei estava lá. A cada natal, o súdito comprava os álbuns inéditos do cantor. Na separação dos pais, lá estava Roberto e a balada *Do fundo do meu coração*. Para Paulo Cesar de Araújo – e para qualquer brasileiro que tenha se relacionado minimamente com a obra do cantor – a música de Roberto Carlos tem cheiro, imagens, lugares e sensações. Experiências em sinestesia que vão desde a infância (do show que não conseguiu assistir) até o último encontro pessoal que Araújo teve com o rei, mediado por advogados.

As circunstâncias não poderiam ser piores, mas daqui em diante, a biografia de Paulo Cesar de Araújo será sempre marcada por vestígios deixados por Roberto Carlos, uma vida circunscrita à outra, em repetição, em dissonância, na fusão interminável. O biógrafo, mesmo com o livro proibido, já é uma das principais referências sobre o cantor capixaba. Onde quer que Araújo vá, será indagado sobre Roberto Carlos. Assim, seu desafio biográfico não o manteve ileso – pelo contrário, atou-o infinitamente ao seu objeto de estudo que permanece vivo. Exatamente pelas imposições filosóficas de Malcolm sobre a verdade definitiva, Paulo Cesar de Araújo não fez uma biografia definitiva de Roberto Carlos; e sim, uma biografia de si mesmo.

Perspectivas e considerações finais

Esse episódio entre o réu e rei poderia ser só mais um episódio da carreira do rei cheio de manias que decidiu tirar mais um livro das prateleiras. Mas não é. Esse caso representa um indício de que o Brasil ainda sofre com a censura em dimensões atualizadas, é claro. Só no mercado biográfico, *Roberto Carlos em detalhes* junta-se a outros livros embargados como a obra de João Máximo e Carlos Didier sobre Noel Rosa, a de Manuel Bandeira escrita por Paulo Polzonoff, além da já mencionada biografia de Garrincha, escrita por Ruy Castro.

O livro permanece proibido e o conflito ainda está longe de encontrar uma solução a todos os questionamentos levantados pela opinião pública. Muito aconteceu durante a elaboração deste trabalho. Em meio ao debate, *O réu e rei* configura-se como peça fundamental para a compreensão de inúmeros detalhes tão pequenos dessa história. O Projeto de Lei 393/2011 foi aprovado na Câmara dos Deputados apenas duas semanas antes do lançamento do livro – proposital ou não, o *timing* foi perfeito e novamente colocaria em pauta a questão da liberação das biografias.

Muitos dos elementos que constituem a figura do rei Roberto Carlos vêm da intimidade que, em algum momento, foi tornada pública. O artista prefere roupas em branco e azul por conta de um transtorno obsessivo compulsivo (patologia que ele não precisava tornar pública). Mesmo 15 anos depois do falecimento da esposa, Roberto Carlos a homenageia em shows, tornando públicos para centenas de fãs os sentimentos de perda. Apesar da polêmica, Roberto Carlos já falou abertamente sobre o acidente que lhe causaria a amputação da perna esquerda.

Mas, aparentemente, a vida não muito secreta de Roberto Carlos ainda tinha camadas que o biógrafo não poderia acessar. Apesar de ser dono da vida, o rei não é dono da história que se faz simultânea e paralela à sua. O biografado não parece ter tantos segredos descobertos pelo biógrafo. A meu ver, nenhuma esfera da vida do cantor (pública ou privada) parece ter sido desrespeitada. Ao analisar os livros de Araújo sobre o cantor, é fácil constatar que não houve desacato e que o crime do biógrafo – pago com o trabalho banido – foi, simplesmente, ter seguido seu desafio até o fim.

Durante a elaboração deste trabalho, me políciei para não simplificar demais a questão discutida adotando, assim, uma visão maniqueísta do caso. Apesar da minha identificação e

simpatia com a causa do biógrafo, as causas do cantor (mesmo que explicadas de maneira desastrada) ainda causam dúvida, e questionamentos intrigantes. Me coloco então diante de conflitos de natureza ética, histórica, jurídica e filosófica; os direitos de pessoa individual foram, de fato, suprimidos pela narrativa de uma história coletiva? E, por outro lado, a produção intelectual de Araújo sucumbiu ao ideal do homem privado?

Por isso, desenvolvi um trabalho de reflexão do papel do autor neste caso específico, principalmente para argumentar contra a desqualificação do trabalho histórico do biógrafo. Através de uma explicação que privilegia a relação biógrafo e biografado como sendo uma relação permanente, inquebrável. A intenção foi analisar o trabalho de Paulo Cesar de Araújo para combater uma visão de que representantes desse gênero pretendem simplesmente bisbilhotar e expor a vida alheia.

Com o episódio em questão, pude perceber que existe uma corrente de apoiadores da causa de Roberto Carlos (como o grupo Procure Saber), que pretende vetar o trabalho dos biógrafos que, por sua vez, têm compromisso puramente intelectual de produzir conhecimento histórico para as gerações futuras. Quem se manifesta contra a liberação das biografias parece lutar pelos motivos errados. Paulo Cesar de Araújo não é inimigo de Roberto Carlos nem deveria ter sido como tal. O biógrafo não é o inimigo e, sim, um aliado – talvez o mais fiel – na busca pela perpetuação do artista, da vida e história para além do futuro. Ruy Castro já profetizou: “Hoje existem restrições legais a isso. Mas é fatal: um dia, todas as histórias serão contadas. O futuro está cheio de biógrafos”.

Referências bibliográficas

- ALCURI, Gabriela; MENEZES, Pedro. *Composição da voz: a construção do personagem em Frank Sinatra está resfriado, de Gay Talese*. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.
- ARAÚJO, Paulo Cesar de. *O réu e o rei: Minha história com o rei em detalhes - 1ª edição* – São Paulo: Companhia das letras, 2014.
- ARAÚJO, Paulo César de. *Roberto Carlos em detalhes* – Paulo: Editora Planeta, 2007.
- BRUCK, Mozahir Salomão. *Biografias e literatura: entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real*, Belo Horizonte: Ed. Veredas & Cenários, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral* – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BOTTON, Fernando Bagiotto. *Antúteses*, vol. 3, n. 5, Londrina, p. 623-633, 2010. DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.
- ELIAQUIM JUNIOR, *Um retrato íntimo de Frank Sinatra*. Revista-laboratório do curso de Jornalismo da Facinter - Ano 4 – 1º quinzena de maio de 2014
- FISCHER, Marc. *Ho-ba-la-lá – à procura de João Gilberto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FRIAS FILHO, Otávio. Posfácio. In: MALCOLM, Janet. *O jornalista e o assassino* – São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- INGLIS, Fred. *Uma breve história da celebridade*. – Rio de Janeiro: Editora Versal, 2012.
- JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica*. Ed Zahar. Rio de Janeiro. 1995.
- LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. São Paulo: Editora Record, 1999.
- LUCENA, Suênio Campos de. *O livro Ho-ba-la-lá, a narrativa biográfica e a missão impossível da verdade*. Comunicologia: Revista Comunicação e Epitemologia da Universidade Católica de Brasília, 2013.
- MALCOLM, Janet. *O jornalista e o assassino* – São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- PRIORE, Mary Del. *Biografia: quando o indivíduo encontra a história*. Revista Topoi 2009. v. 10, n. 19, jul.-dez. p. 7-16, 2009.
- OATES, Stephen B. *Biography as history*. Texas: Marham Press Fund, 1990.
- SCHMIDT, Benito Bisso. *Construindo Biografias...Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, n. 19, 1997, p.12.
- SCHWOB, Marcel. *Vidas imaginárias*. São Paulo: Ed. 34, 1997. (*Coleção de livros da Folha*)
- SÜSSEKIND. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- VILAS BOAS, Sergio. *Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens* – São Paulo: Summus, 2002.
- VILAS BOAS, Sergio. *Biografismo: reflexões sobre a escrita da vida* – São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- WEINBERG, Steve. *Telling the untold story: how investigative reporters are changing the craft of biography*. Columbia: University of Missouri Press, 1992. In: *Biógrafos e biografados: jornalismo sobre personagens* – São Paulo: Summus, 2002.
- VIDAL, Paloma. *Literatura e ditadura: alguns recortes*. Repositório institucional da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Internet

Entrevista com a presidente do Procure Saber, Paula Lavigne. Disponível em:
<http://oglobo.globo.com/cultura/paula-lavigne-nao-precisamos-de-lobista-em-brasilia->

[10702837](#)>

CASTRO, Ruy. Livro narra caça a João Gilberto em tom policial. Folha de S. Paulo. São Paulo, 10 dez. 2011. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/13931-livro-narra-caca-a-joao-gilberto-em-tom-policial.shtml> >

CASTRO, Ruy. Intelectuais pela liberdade. Folha de S. Paulo. São Paulo, 11 set. 2013. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2013/09/1339977-intelectuais-pela-liberdade.shtml> >

SOUZA, Susan. Roberto Carlos e censura: cantor já impediu a circulação de duas biografias. Último Segundo. São Paulo, 13 nov. 2013. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/musica/2013-11-13/roberto-carlos-e-censura-cantor-ja-impediu-a-circulacao-de-duas-biografias.html> >

BUARQUE, Chico. Penso eu. O Globo. Rio de Janeiro, 16 out. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/penso-eu-10376274> >

Roberto Carlos diz que não vai tomar medida jurídica quanto a novo livro. Portal G1. São Paulo, 30 mai de 2014. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/05/roberto-carlos-nao-vai-tomar-medida-juridica-quanto-livro-o-reu-e-o-rei.html>>

VASCONCELOS, Diana. *'Não escrevo mais. Estou fora', diz Fernando Morais sobre biografias*. Ceará, 14 nov 2013. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/11/nao-escrevo-mais-estou-fora-diz-fernando-morais-sobre-biografias.html>>

Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em:

<<http://www.dicionariompb.com.br/>>